



JORNAL do ALGARVE

FUNDADOR: JOSÉ BARÃO
ANO 16.º
SABADO, 4 DE NOVEMBRO DE 1972
DIRECTOR: ANTÓNIO BARÃO
AVENÇA N.º 815

A MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE TODOS OS JORNAIS DO ALGARVE

EDITOR — JOSÉ MANUEL PEREIRA PROPRIEDADE — V.º e HERD.º DE JOSÉ BARÃO OFICINAS: EMP. LITOGRAFICA DO SUL, S. A. R. L. — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DO BRASIL, 48 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — TELEF. 254 LISBOA — TELEF. 361839 FARO — TELEF. 22322 AVULSO 2\$00

MESSINES VIU RESOLVIDAS ALGUMAS GRANDES ASPIRAÇÕES

MAS TEM AINDA NUMEROSOS PROBLEMAS A VENCER

— diz-nos o presidente da sua Junta de Freguesia

SENDO S. Bartolomeu de Messines aldeia de enormes possibilidades de exploração urbanística, comercial, industrial e até turística, e estando situada numa zona central do Algarve, quisemos saber quais os seus problemas e projectos, para o que contactámos o sr. Francisco Vargas Mogo, que, como presidente da Junta de Freguesia, nos prestou declarações de certo interesse.

pois, nasceu a ideia da construção de um monumento, uma vez que em Messines existira uma comissão para tal fim, mas que, com o monumento construído, deixara-o ir para Faro, onde se encontra

Jardim Manuel Bivar. Assim, na noite de 8 de Março de 1953, propus-me, com outros messinenses, angariar fundos para a construção de novo monumento, mas, claro que só em 1960 foi possível pensar na

Começámos perguntando como nascera a ideia do Jardim-Escola João de Deus em S. Bartolomeu de Messines e quais as dificuldades encontradas ao longo da sua realização. Respondeu-nos:

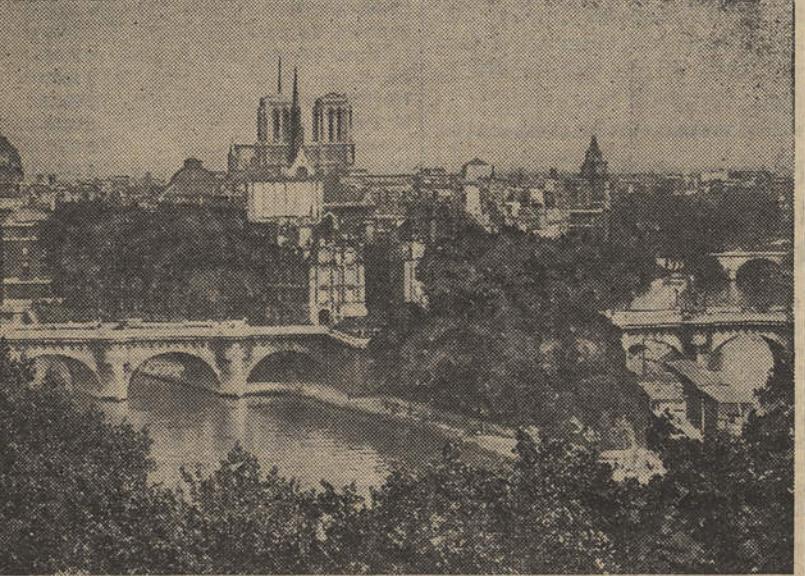
MORREU O EDITOR ALGARVIO AGOSTINHO FERNANDES



ALECEU em Lisboa, onde de há muito residia, o conhecido editor e industrial algarvio Agostinho Fernandes.

De seu nome completo Joaquim Agostinho Fernandes, nascera há 86 anos na Mexilhoira Grande (Portimão), de onde saiu muito novo para Lisboa. Inteligente, perseverante, conseguiu singrar através de trabalho intenso e de forte espírito de iniciativa. Não esquecendo a Província de origem, nela firmou importante empresa de pesca e conservas,

UM ALGARVIO POR TERRAS DE FRANÇA MUSEUS E IGREJAS DE UMA GRANDE CIDADE



Um trecho de Paris, vendo-se ao fundo a catedral de Notre Dame

A «CIDADE da Luz» é grandemente valorizada pela imponência e beleza das suas igrejas, em que naturalmente se destacam a «Notre Dame», a Madalena e o «Sacré Coeur». A primeira, magnífico exemplar gótico que Vitor Hugo mais popularizou no romance «Nossa Senhora de Paris» e onde tão completamente a descreve, é um dos principais pólos de atracção da grande urbe, merecendo, na verdade, as horas que o visitante, mesmo o não religioso, geralmente lhe dedica. Quando a vimos há mais de vinte anos, de longe, a velha catedral, coberta ainda da espécie de poeira ou fuligem de tom avermelhado sobre ela acumulada ao longo dos séculos, lembrou-nos um brinquedo talhado com a máxima perfeição, que qualquer sopro mais forte desfaria. Na medida em que nos aproximávamos, o brinquedo crescia e deixava de o ser, para nos transmitir apenas toda uma impressão de harmonia e grandeza.

imagem que então nos avassalara, fomos de certo modo logrados. A área fronteiria ao templo, atravancada por obras, entulho e veículos, não nos permitia a visão global que desejávamos. E ao acercarmo-nos não foi já uma Notre Dame colorida pelo pó dos tempos a que nos ficou por diante, pois as velhas pedras haviam sido objecto de uma raspagem que só não lhes atingiu a «agulha» talvez porque o risco de a quebrar era demasiado grande. Pode ter sido útil esta feição renovada que se quis imprimir à igreja, mas não o foi, a nosso ver, esteticamente falando, porque as pedras, como que descarnadas, já não conseguem exercer o atractivo que exerciam. E no entanto, como antes dissemos, «Notre Dame» continua a ser um dos grandes charmes da capital francesa. Ao visitá-la, vimos, mais uma vez, como a harmonia de linhas do exterior se conjuga com a do interior, prendendo-nos, por longo tempo, na apreciação dos inúmeros motivos

criando em Lisboa a Portugalá Editora, através da qual lançou numerosos escritores e poetas portugueses que sem a sua ajuda talvez nunca chegassem a ser conhecidos, publicando as obras completas de Manuel Teixeira Gomes, outro notável algarvio, natural de Portimão, de José Régio, Jaime Cortesão e outras do maior interesse para as letras pátrias. Editou também a revista «Contemporânea» em que dava sequência ao movimento modernista lançado com o grupo «Orpheu».

Grande amigo e companheiro de Almada Negreiros, Stuart Carvalhais, Jorge Barradas, Malhoa, e tantos outros artistas que nele encontraram sempre o mais desvelado apoio, foi um dos fundadores do museu que recebeu o nome deste último, nas Caldas da Rainha e possuía uma das mais valiosas colecções de arte existentes no nosso País.

Agostinho Fernandes era viúvo e pai das sr.ª D. Alice da Nazareth Fernandes e D. Helena da Nazareth Fernandes Ferry Borges e do sr. Filipe da Nazareth Fernandes.

PARA QUANDO AS OBRAS DO ASILO DE SILVES?

SAIU há anos um despacho ministerial que tornava obrigatório o internamento em asilos, albergues, etc., de toda a pessoa que fosse encontrada a andar de porta em porta estendendo a mão à caridade pública, na recolha de uma esmola. Muitos desses indivíduos eram viciados na pedincha, mas outros havia que pediam por pura necessidade. Pretendeu o Governo, e louvavelmente, acabar com o vergonhoso e triste quadro, que nos depreciava aos olhos dos tur-

JORNAL do ALGARVE

O assumir as funções de director da Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve, teve a atenção, que agradecemos, de nos dirigir cumprimentos o sr. Horácio Cavaco Guerreiro.
O nosso prezado colega «Beira Baixa», que se publica em Castelo Branco, transcreveu o artigo do nosso dedicado colaborador Luís M. Horta, que há semanas inserimos sob o título «A festa dos Jogos Florais».

entrevista de Joaquim Cabrita do Carmo

ajuda de elementos que se dispusessem a organizar festejos, nomeadamente as batalhas de flores. «Após seis anos de batalhas de flores, as receitas continuavam insuficientes, e em 1966 estudámos a maneira de fazer chegar a nossa pretensão ao conhecimento do governador civil de então, o dr. Baptista Coelho. Este deu pronta adesão e comunicou para o Ministério das Obras Públicas, que incluiu o monumento nos projectos de 1967. E coube então à comissão obter o terreno para a implantação. Houve entretanto dificuldades e dissabores que me levaram até ao corte de relações com moços que eram dos meus melhores amigos. Mas a dívida pôde ser saldada para com João de Deus, precisamente em 8 de Março de 1968. Não nos demos por satisfeitos todavia por haver perpetuado a memória do poeta no magnífico monumento que se encontra à entrada de Messines. Pensámos então em adquirir a casa onde, segundo a tradição popular ele nasceu, para instalar uma biblioteca-museu. Iniciaram-se diligências junto do proprietário e estabeleceu-se o preço. A casa tinha um valor diminuto nessa altura calculado pelos peritos em trinta mil escudos. Negociámos a por noventa mil. Entretanto, o proprietário, que vive em África, depois de ver o nosso entusiasmo resolveu baldar o negócio, e então nessa altura tive um grande desgosto, na medida em que já se pedira na Fundação Gulbenkian para que no



Monumento a João de Deus em S. Bartolomeu de Messines

O PROBLEMA DA FALTA DE CAÇA NO ALGARVE E NO PAÍS AGRAVA-SE DIA A DIA

por António Dias de Sousa Correia

É DO conhecimento geral que a caça, ou melhor, as espécies cinegéticas, tanto têm diminuído nos últimos anos, que hoje não andaremos muito errados se as calcularmos em escassos 20% do quantitativo que existia há 20 anos. No que se refere à perdiz, então, essa espécie vem diminuindo tanto de ano para ano, que se verificou já, da época transacta para a presente, uma quebra da ordem dos 50%, aproximadamente, e por este andar não virá longe o dia da sua completa extinção, se medidas drásticas e eficazes não forem postas em execução por quem de direito.
Após um prolongado coro de apelos e exposições de toda a espécie, feito pela Imprensa especializada, caçadores e respectivas Comissões Venatórias ao Governo, no sentido de rever a velha Lei da Caça (Decretos n.º 23 460 e 23 461, de 17/1/934 e outros) que então parecia anacrónica para os tempos decorrentes, foram por este, muito louvavelmente, tomadas providên-

cias, com a introdução de alterações substanciais naquela Lei (Decreto n.º 47 847 de 14/8/67) que pareceram, à primeira vista, vir solucionar, se não todos, pelo menos alguns dos problemas mais importantes relacionados com a matéria.
Decorridos cinco anos de vigência das novas alterações, verifica-se com pesar, que as mesmas, que tanto tempo levaram a ser discutidas, (Conclui na 6.ª página)

JANELA DO MUNDO
pelo dr. MATEUS BOAVENTURA

ELEIÇÕES À PORTA EM VÁRIOS PAÍSES

FALAR em eleições é como falar no fruto apetecido que nos dão a cheirar mas que nunca provamos convenientemente. Neste momento, em quatro países livres estão a decorrer campanhas eleitorais a vários níveis e qualquer delas desperta o interesse natural destas competições, quando se realizam democraticamente com a presença de elementos de oposição e de debate construtivo.
Sei que há quem não participe desta opinião e que lhe chame até «debate destrutivo», mas confesso que não percebo o que é um «debate destrutivo». Será crítica, censura, ou audácia demasiada? Para mim, todo o debate tem dois aspectos antagonísticos, o que é necessário (Conclui na 5.ª página)

NOTA da redacção

APESAR das carreiras aéreas, que nos ligam até directamente com as principais cidades europeias e de já possuímos um comboio mais rápido que nos liga

O EXPRESSO DA MORTE LENTA
com a capital, não há dúvida de que os caminhos de ferro cá para estes lados mantêm-se na Idade da Pedra Lascada.

As horas que são necessárias para o viajante desprevenido que entra em Lisboa chegar ao Algarve, a uns escassos 300 quilómetros! Depois de tantos projectos para modificar o traçado ferroviário e renovar o material, depois dos contratos que foram assinados, pergunta-se o que está a acontecer. Todos conhecemos os defeitos e o envelhecimento do material actualmente em rodagem; não vão muito longínquos os últimos acidentes verificados na Linha do Sul; são constantes as reclamações dos viajantes... Mas tudo se mantém tal como dantes, sem modificação aparente nem alteração de velocidade, como se ao tomarmos o comboio não fosse com a intenção de chegar a qualquer parte, mas apenas de viajar sem destino. Já houve quem chamasse ao Correio do Algarve o «expresso da morte lenta», um mal a que não podemos fugir mas que nunca mais atinge o seu termo.
Não será ainda a altura de pensar a sério nos transportes do grande público, que não pode viajar de avião, nem de Sotavento nem sequer muitas vezes no Rápido? Quantos benefícios não traria para toda a Província, para a sua população, e até para o Turismo, que este assunto fosse resolvido convenientemente, dentro do plano que nunca foi posto em andamento de reforçar as infra-estruturas!

À saúde é a maior riqueza
NUTRIÇÃO E SAÚDE
Do equilíbrio, da harmonia das funções orgânicas, é que resulta a saúde. A nutrição é uma das mais importantes dessas funções.
Defenda a sua saúde aprendendo a alimentar-se correctamente, pois a nutrição depende da alimentação.

Sport Faro e Benfica

Largo do Pé da Cruz, 32 — Telefone 2 49 76 — Faro

Comunicado

Encontra-se aberta a inscrição de raparigas e rapazes, dos 13 aos 18 anos, para a prática da modalidade de ténis de mesa, na sede deste Clube, nos dias abaixo discriminados:

Terças, quartas e quintas-feiras, das 21 às 23 horas;
Sábados, das 16 às 18 horas.

CRÓNICA DE FARO

por MARCELINO VIEGAS



A dança dos ratos, etc.

FUI, há dias, observar a dança dos ratos. Se vocês não sabem onde esse teatro acontece gratuitamente e ousado, aberto às mais promissoras perspectivas futuristas, então, eu peço: perdoem a sem-cerimónia do convite e alinhem comigo. Tragam, contra qualquer e eventual percalço, as narinas bem arejadas, aptas ao balanço. De preferência, não formem grupos. Perfumem, de antemão, o espírito — e, se quiserem, o corpo. Agora, sim: desçam à baixa cidadina e vão à doca. Amem «la josephine» e façam preces a «santa maria», na sua terra de Faro.

O cenário ideal ficou montado, atrás. Só que a maré-baixa ajuda à representação. Quando ela (a maré) dá ordens ao contra-regra para accionar todos os comparsas, atinge-se o pleno movimento. Os actores, dando largas ao seu poder nato, versátil, exibem-se em «liberdade». O argumento é pertinente e faculto o desabrochar de todas as suas intrínsecas potencialidades.

A certo trecho, não há, no espectáculo vivido com emoção, fronteiras alfandegárias, limites de ordem rática, política, social: um rato-mor, logo seguido de um menor, salta universalmente sobre «la josephine» e arvora a bandeira branca, da paz absoluta. Nuvens atentas de quadrirreactores, marca mosquito, exercitam-se, ora, levantando voo, ora aterrando. Ora brilhando vistosas acrobacias no espaço aéreo de «santa maria».

O calendário do espectáculo pode ser interrompido por qualquer inclemência ou motivo imprevisto: uma chuvada a destempo, maré-viva, ou quefazer dos espectadores. Porém, a ordem de entrada em cena manter-se-á na sessão seguinte.

TINTAS «EXCELSIOR»

CRUZEIRO

DO FIM DO ANO À MADEIRA MARAVILHOSA

Preços desde 2.490\$00

com ceia de fim do ano!

*

De 28/12 a 2/1 viaje no Santa Maria, especialmente fretado.

*

Reserve já o seu camarote!

*

Inscrições até 30/11/72! Pagamentos até 12 meses

*

Rua Rosa Araújo, 2 Telefone 53 6971

Meliá

a mais completa organização mundial de viagens

Missa

Eng.º Sebastião Ramirez

A Junta de Freguesia de Vila Nova de Cacela, em sua reunião extraordinária de 20 de Outubro, deliberou mandar celebrar missa por intenção do Sr. Engenheiro Sebastião Ramirez, na igreja paroquial desta freguesia, no próximo dia 5 de Novembro corrente, pelas 11,30 horas.

Desde já, a Junta agradece a todas as pessoas que se dignarem assistir a tão piedoso acto.

Na Caravela

as novidades são como os frutos do Algarve; aparecem primeiro.

Porcelanas — faianças — cristais — artesanato.

CARAVELA 1

CARAVELA 2

Vila Real de Santo António

ECOS

Gente nova

Em Vila Real de Santo António teve o seu bom sucesso dando à luz uma criança do sexo masculino, a sr.ª D. Noémia Madeira Leal, casada com o sr. António Rafael Brito dos Santos Leal. O recém-nascido recebeu o nome de Alvaro Madeira Brito Leal, é neto materno da sr.ª D. Bárbara Gil e do sr. Filipe Anastácio e paterno, da sr.ª D. Maria Bárbara do Brito Leal e do sr. António Gaudêncio Santos Leal.

Farmácias

Em ALBUFEIRA, hoje, a Farmácia Alves de Sousa; e até sexta-feira, a Farmácia Piedade.

Em FARO, hoje, a Farmácia Oliveira Bomba; amanhã, Alexandre; segunda-feira, Crespo Santos; terça, Paula; quarta, Almeida; quinta, Montepio e sexta-feira, Higiene.

Em LAGOS, a Farmácia Neves.

Em LOULE, hoje, a Farmácia Madeira; amanhã, Confiança; segunda-feira, Pinheiro; terça, Pinto; quarta, Avenida; quinta, Madeira e sexta-feira, Confiança.

Em OLHAO, hoje, a Farmácia Rocha; amanhã, Pacheco; segunda-feira, Progresso; terça, Olanense; quarta, Ferro; quinta, Rocha e sexta-feira, Pacheco.

Em PORTIMÃO, hoje, a Farmácia Oliveira Furtado; amanhã, Moderna; segunda-feira, Carvalho; terça, Rosa Nunes; quarta, Dias; quinta, Central e sexta-feira, Oliveira Furtado.

Em SILVES, hoje, a Farmácia Duarte; e até sexta-feira, a Farmácia João de Deus.

Em TAVIRA, hoje, a Farmácia Abolim; amanhã, Central; segunda-feira, Franco; terça, Sousa; quarta, Montepio; quinta, Abolim e sexta-feira, Central.

Em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, a Farmácia Silva.

Cinemas

Em ALBUFEIRA, no Cine-Pax, hoje, «O sinal de Django»; amanhã, «A década prodigiosa»; terça-feira, «Comando suicida»; quarta-feira, «A mulher mais bela»; quinta-feira, «O silêncio de Tarzan»; sexta-feira, «A máscara da morte vermelha».

Em FARO, no Cinema Santo António, hoje, em matinée, «Água azul, morte branca» e em soirée, «Tentações»; amanhã, em matinée e soirée, «Gente sem compaixão»; terça-feira, «Eu julgava-o morto, mr. Jack»; quarta-feira, «Diz-me que me amas, Junie Moon»; quinta-feira, «A máscara do demónio»; sexta-feira, «Mal de África» e «O tesouro dos Aztecas».

Em LAGOS, no Teatro Cinema Império, hoje, «Os condenados» e «Ao sul do rio Grande»; amanhã, «Quando elas tinham cauda»; terça-feira, «Guerra de máculos»; quinta-feira, «Lolita».

Em LOULE, no Cine-Teatro Louletano, hoje, «Pirata vermelho» e «Mistério da Costa Negra»; amanhã, «Os dez mandamentos»; terça-feira, «O solitário do rio Grande»; quinta-feira, «A promessa».

Em OLHAO, no Cinema-Teatro, hoje, em matinée, «Thunderbird seis» e em soirée, «O desesperado e os complexos»; amanhã, em matinée e soirée, «Eu julgava-o morto mr. Jack» e «A invasão da terra»; terça-feira, «Quando elas tinham cauda» e «Perseguição a sangue frio»; quarta-feira, «Se tu subesses» e «Intriga em Hong-Kong»; quinta-feira, «Os amores de uma loira» e «A morte espera em Atenas»; sexta-feira, «Missão Batanga» e «Nebraska, o pistoleiro».

Em PORTIMÃO, no Cine-Teatro, hoje, «Corre, homem, corre» e «Sob o signo da suspeita»; amanhã, «Só pensava nelas»; terça-feira, «O médico e o monstro»; quarta-feira, «Verdade amarga»; quinta-feira, «O último resgate»; sexta-feira, «O homem que veio da noite».

No Boa Esperança Atlético Clube Portimonense, hoje, «Aprendiz de gangster»; amanhã, «Quem roubou a coroa»; quarta-feira, «O caçador de bruxas».

Em SILVES, no Cine-Teatro Silvense, hoje, «O tesouro dos Incas»; amanhã, em matinée e soirée, «Os incorruptíveis»; terça-feira, «Diamante» e pequeno almoço; quinta-feira, «Os rivais».

Em TAVIRA, no Cine-Teatro António Pinheiro, hoje, «Suite em hotel de luxo» e «O segredo dos jacintos amarelos»;

amanhã, «Chamavam-lhe reis» e «A bela e o cigano»; terça-feira, «Vinte passos para a morte» e «Os cinco dragões de ouro»; quinta-feira, «As cruéis» e «O homem que gostava das ruínas».

Em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, no Cine-Foz, hoje, «A casa que escorria sangue»; amanhã, «Lawrence da Arábia»; terça-feira, «Uma casa à sombra das árvores»; quinta-feira, «A cidade da violência».

Necrologia

D. Mariana Rodrigues Merca

Em Odeleite, de onde era natural, faleceu a sr.ª D. Mariana Rodrigues Merca, de 75 anos, casada com o sr. José Custódio. Era mãe das sr.ªs D. Quitéria Custódio Rodrigues e D. Otília Rodrigues Custódio e dos srs. José Rodrigues Custódio e Frederico Rodrigues Custódio; sogra das sr.ªs D. Almerinda Maria Custódio e D. Maria João Barão e dos srs. Manuel Henriques Teixeira e Joaquim Silvério; avó das sr.ªs D. Maria Bárbara Teixeira, D. Anabela Bárbara Rodrigues de Jesus e D. Maria João Barão Custódio e dos srs. eng.º José Rodrigues Custódio Júnior, Manuel Rodrigues Teixeira, Luís António Rodrigues Estêvão e Joaquim Rodrigues Silvério.

António Joaquim do Nascimento Palmeira

Faleceu na sua residência, em Tavira, o sr. António Joaquim do Nascimento Palmeira, de 60 anos, solteiro, que exerceu as funções de regedor da freguesia de Santiago. Era filho da sr.ª D. Custódia das Dores Palmeira e irmão da sr.ª D. Maria do Carmo Palmeira Gaspar, esposa do sr. Augusto Gaspar, 1.º subchefe da P. S. P. e do sr. Emílio do Nascimento Palmeira, funcionário da Comissão Regional de Turismo, casado com a sr.ª D. Venilde Fagundes Palmeira, professora oficial.

João Rodrigues Palma

Faleceu o sr. João Rodrigues Palma, de 77 anos, natural de Santana de Cambas (Mérida), favelleiro-chefe reformado do Ministério da Marinha, que deixou viúva a sr.ª D. Maria da Conceição Domingues Palma. Era pai da sr.ª D. Maria Antonieta Domingues Palma de Oliveira, casada com o sr. José Germano de Oliveira, intendente do Emissor Regional da Comissão Regional de Turismo, e do sr. José Rodrigues Palma.

O funeral consistiu sentida manifestação de pesar.

TAMBÉM FALECERAM:

No FELJÓ — a sr.ª D. Maria Francisca Faustino, de 69 anos, natural de Silves, casada com o sr. João Faustino, mãe da sr.ª D. Maria Fernanda Faustino Pinto e do sr. José Vicente Faustino.

Na AMADORA — a sr.ª D. Alexan-

Curso de Iniciação de Desenho e Pintura em Faro

No Circulo Cultural do Algarve começou a funcionar um curso de iniciação de desenho e pintura, que tem como objectivo, a par dos conhecimentos técnicos daquelas artes, suscitar interesse por uma formação artística.

O curso é orientado pelo pintor António Leal, seu grande entusiasta e regista, para já, a presença de 15 elementos, com idades compreendidas entre os 13 e os 40 anos. Decorre às terças e quintas-feiras, das 21 às 23 horas, na sede do Circulo, com aulas práticas e teóricas não só de pintura e desenho como de história da arte e estética.

A iniciativa inclui conferências e colóquios com a colaboração de artistas, críticos e professores, procurando dar-lhe forma viva e actuante. É propósito dos organizadores remodelar a actual sala de exposições do Circulo.

As sessões decorrerão até fins de Junho, prevenido-se a sua continuidade na época estival, se surgirem interessados. Naquele mês far-se-á uma exposição dos trabalhos mais significativos executados pelos frequentadores.

António Leal espera ainda a colaboração de outros artistas plásticos, na tarefa de promover na capital sulina o gosto pelas artes.

Os interessados em participar podem dirigir-se ao Circulo Cultural do Algarve, na Rua Conselheiro Bivar, em Faro.

Câmara Municipal de Vila Real de Santo António

Instalações para comércio do Parque de Campismo de Monte Gordo

Aceitam-se propostas em carta fechada, até às 12 horas do dia 27 de NOVEMBRO de 1972, para arrendamento das instalações para comércio do Parque de Campismo de Monte Gordo, durante o período de 1 de Janeiro de 1973 a 31 de Dezembro de 1974.

As condições encontram-se patentes na Secretaria da Câmara Municipal

Vila Real de Santo António, 25 de Outubro de 1972.

O Presidente da Câmara,

Dr. António Manuel Capa Horta Correia

AGENDA

BOMBAS DE PEIXE MARCO

De 25 a 31 de Outubro

OLHAO

TRAINEIRAS:

Agadão	44 080\$00
Princesa do Sul	25 400\$00
Diamante	22 620\$00
Prateada	22 200\$00
Pérola Algarvia	21 395\$00
Nova Sr.ª da Piedade	18 200\$00
Estrela do Sul	17 835\$00
Nova Clarinha	16 615\$00
Flor do Sul	12 800\$00
Alecrim	9 400\$00
Noroeste	8 720\$00
Restauração	6 710\$00
Nova Esperança	6 600\$00
Ilha do Sonho	6 320\$00
Brisa	4 170\$00
Maria Rosa	2 700\$00
Total	243 665\$00

ALADORES PURETIC

De 28 de Outubro a 1 de Novembro

LAGOS

TRAINEIRAS:

Gracinha	20 020\$00
Brisamar	13 300\$00
Sagres	12 820\$00
Milita	5 000\$00
Baía de Lagos	4 900\$00
Marisabel	4 230\$00
Mirita	1 340\$00
Total	61 610\$00

MOTORES INTERNACIONAL

De 25 a 31 de Outubro

PORTIMÃO

TRAINEIRAS:

Neptúnia	184 000\$00
Nova Palmeta	94 600\$00
Lena	94 500\$00
Arrifana	81 000\$00
Nova Dóris	76 600\$00
Vulcânia	60 000\$00
Sete Estrelas	47 600\$00
Lola	40 600\$00
Sagres	35 400\$00
Portugal 5.º	31 700\$00
Anjo da Guarda	28 000\$00
Portugal 7.º	25 000\$00
Briosa	20 500\$00
Sónia Clementina	16 600\$00
Praia Três Irmãos	15 200\$00
Sibéria	14 650\$00
Apóstolo São Mateus	13 000\$00
Donzela	10 800\$00
Maria Benedito	9 900\$00
S. Carlos	8 700\$00
Mirita	8 550\$00
Princesa do Arade	8 300\$00
Cinco Marias	8 200\$00
Brisamar	7 450\$00
Princesa do Sul	6 400\$00
Praia Morena	6 100\$00
Senhora do Cais	5 700\$00
Olimpia Sérgio	4 800\$00
La Rose	3 100\$00
Marineira	2 800\$00
S. Paulo	2 350\$00
Atalanta	1 950\$00
Costa Azul	1 550\$00
Total	974 400\$00

BELLATRIX ESPECIAL

Alimentação Transistorizada

5.º Ano Liceal

Geografia e Ciências Naturais precisa-se quem prepare para exame, ligões 2 vezes por semana. Telefonar depois das 19 para 103, Vila Real de Santo António.

Os gatunos não têm férias

Os gatunos assaltaram o estabelecimento do sr. José Casimiro, sito na praia da Armonia, em Olhão, levando consigo chocolates, bolos, etc., no valor de cerca de mil escudos. Primeiramente, tentaram penetrar no estabelecimento escavando na areia, mas só o conseguiram danificando a parede norte, construída em contraplacado. Assaltaram também a casa de praia do sr. Manuel Almeida Oeiras, residente em Lisboa, por onde entraram através de uma pequena janela que habitualmente está aberta para arejar, entrando também na arrecadação para o que dobraram ao meio a porta, para fora, pelo ângulo inferior. All, os assaltantes, cuja colheita deve ter sido valiosa, até se deram ao luxo de beber cerveja e de se deitarem. O interior da casa parecia ter sido revolvido por um vendaval, a avaliar pelos objectos espalhados no chão. Espera-se e colabora-se no sentido de descobrir os meliantes, para que tais abusos não se repitam e para que aqueles que passam a vida trabalhando, honradamente, possam descansar algum tempo, sossegadamente, já que os gatunos não têm férias... José Domingos Pereira

Lotas

De 28 de Outubro a 1 de Novembro

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO

TRAINEIRAS:

Pérola do Guadiana	107 780\$00
Audaz	96 240\$00
Infante	66 210\$00
Lestia	62 390\$00
Vivinha	59 200\$00
Garotinho	51 170\$00
Liberta	38 660\$00
Alecrim	25 370\$00
Flor do Sul	23 380\$00
Conceição	18 000\$00
Maria Rosa	2 300\$00
S. Marcos	2 200\$00
Nova Esperança	1 890\$00
Brisa	1 090\$00
Sul	590\$00
Total	556 120\$00



A MAIOR FABRICA E ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE MAQUINAS PARA TRABALHAR MADEIRA

Sede — TROFA

Filiais

Lisboa — Rua Filinto Elísio, 16 C
Portimão — Rua Inf. D. Henrique, 194

Vinhas

Para a sua armação, prefira os postes de madeira, premunizados, de longa duração, da SOPREM, assim como creosotados, para vedações, e respectivos arames. Consulte o AGENTE E DEPOSITARIO em Vila Nova de Cacela, Alvaro Henrique Guerreiro Gomes, telf. 95103, com «stock» permanente de material.

Romagem de saudade dos Bombeiros de Vila Real de Santo António

Como é de tradição, os Bombeiros Voluntários de Vila Real de Santo António deslocaram-se na quarta-feira, véspera de Finados, após a missa, em formatura, ao cemitério local, onde, no talhão dos bombeiros, depositaram flores nas campas dos seus camaradas falecidos, ouvindo alocução adequada ao acto, proferida pelo respectivo comandante sr. Luís Cardoso de Figueiredo.

A. Leite de Noronha MÉDICO

Consultas diárias a partir das 16 horas

Rua da Trindade, 12-1.º, Esq.

FARO

TELEFS. { Consultório 24505
Residência 24642

ÁLAMO — ALCOUTIM

AGRADECIMENTO

ISIDORA DA PALMA

Seus filhos, noras, genros e demais família, vêm, por este meio, agradecer, reconhecidamente, a todas as pessoas que se dignaram acompanhar a sua saudosa extinta à última morada, ou que por qualquer forma testemunharam a expressão do seu pesar.

Carta aberta a um velho conhecimento

Minha querida Aldegundes,

Vais ficar admirada ao leres estas linhas, por supores, decerto, que o seu autor já estava morto e sepultado. Mas como vês, ainda não me chegou o caruncho definitivo, e cá venho dar-te um desluzido ar da minha graça (escassa).

Como é natural que, de início, te faças desentendida, abusando daquela quebra de memória para a qual as «donas» mostram tanta propensão (quando lhes dá na realíssima gana), vou refrescar-te as ideias com a evocação dos nossos primeiros encontros. Tu e eu conhecemo-nos na Pastelaria Algar (lembras-te?) onde fomos levados pelo mesmo desejo de satisfazer instintiva gulodice. Eu, freguês mais antigo e experiente, sabia já, de cor e salteado, quais eram os melhores produtos da casa. Tu, moça irreverente, entraste de rompante no meio, desejando provar de tudo um pouco, para saber como era. E o caso foi que te atascaste à grande, sem olhar à qualidade, em alguns doces de razoável aspecto mas onde o bafo e o bolor campeavam em premissas de apodrecimento.

Como eras nova no local, não quis olhar-te com insistência, para ver se fazias muitas caretas ao comer tal porcaria, mas o certo é que a comeste, e pagaste.

Nas visitas subsequentes, a irreverência da juventude não apagou em ti o instinto ancestral da procura de um produto mais são, que acabaste por descobrir, e preferir, e eis-nos a piscar um olho, comendo, enfim, deliciosos, do mesmo saboroso bolo. Recordas-te agora como foi comovedor aquele encontro em que os nossos gostos finalmente convergiram e quase limpámos as estantes da pastelaria?

Satisfeita a gula desse dia, deu-se a nossa saída «a dois» e a confissão de mútuos pecados e anseios, que tão belos frutos deixava prever. E assim continuámos por tempos e tempos, apenas com as leves interrupções a que nos forçavam os teus e os meus afazeres até que se deu a quebra, a ruptura, a fuga a que não foi de todo alheio esse teu espírito impulsivo.

Sabedor das nossas preferências, punha o pasteleiro à nossa disposição largas fatias do apreciado bolo, que, em cada visita, nos não fardávamos de trincar. No dia fatídico, porém, uma quebra na corrente eléctrica, com que a nossa Província é tão castigada, impediu de todo a produção do bolo célebre, e o pasteleiro, para não nos deixar a fazer cruces na boca, resolveu trazer duas fatias que na véspera guardara na despensa, para consumo próprio. Então, deu-se o descalabro: tu, que de começo te atascaras como gente grande, sem querer saber de qualidades, nem de vizinhanças destoantes, deste em recalçar; não querias bolos de véspera, e muito menos aquele, a fatia que te coubera e onde te pareceu descobrir, bem nitida, a marca dos dentes de um minúsculo rato. Pobre Aldegundes! Devias ter meditado um pouco, antes de afirmares ao pasteleiro que de modo nenhum aceitaras a fatia da véspera, morada por um rato, fosse ele de pastelaria, ou de sacristia. E assim tu, a quem, embora impulsiva eu julgava impávida e serena no enfrentar dos grandes momentos ou circunstâncias, te confessaste derrotada por um rato, um mísero rato que de um dia para o outro até pode tombar de indignação.

Pela parte que me toca, continuei, por longo tempo, freguês fiel da casa dos doces, onde o teu lugar ficava desocupado, na hipotética espera do teu reaparecimento. Outros clientes da casa, já habituados à tua e minha presença, perguntavam-me, curiosos, que bicho te morderia para deixares de aparecer, visto que os teus rompantes, em que para além da esbelta figura, evidenciavas ideias próprias e uma certa personalidade, iam ficando gravados na mente dessas pessoas. Calcula como eles ririam se lhes contasse que foras afastada por um rato, tu, a terrível e sferas Aldegundes. Mas não conto. São coisas cá entre nós e o pasteleiro. Sabes? Uma vez por outra ainda lá apareço e estou a descobrir caras novas, que, aos poucos, vão mostrando certa inclinação pelo tal bolo dos nossos gostos... e desgostos.

E como esta já vai longa, deixa para uma próxima a sequência das suas evocações o teu incondicional admirador

Américo A. de Sousa

Em Olhão foi homenageada a memória de dr. Fernandes Lopes

O dr. Francisco Fernandes Lopes, figura saudosa, de grande relevo na vida intelectual e social do País, foi, por iniciativa do Sporting Clube Olhanense e com a colaboração da Câmara Municipal de Olhão homenageado com uma sessão solene nos Paços do Concelho, desceramento de uma lápida na casa onde nasceu em 1884, e uma romagem ao cemitério de Olhão, onde repousam os seus restos mortais. A sessão foi presidida pelo sr. Eduardo Sebastião Simplicio da Silva Maia, presidente do Município e nela usaram da palavra os srs. dr. José Gomes Barbosa e Antero Nobre e o filho do homenageado, sr. dr. Francisco Fernandes Lopes Júnior, que agradeceu, em nome da família.

Seguidamente, na casa onde o homenageado nasceu, fez-se o desceramento da lápida evocativa do acontecimento, acto a que procedeu sua filha, sr.ª D. Melusina Pousão Lopes, a quem foi oferecido um ramo de flores. Nesse momento usou da palavra o sr. Antero Nobre, que terminou entregando à guarda do Município, em nome dos olhanenses, a placa que acabava de ser descerada.

Também este acto foi encerrado pelo presidente da Câmara Municipal.

Como escritor e investigador o dr. Fernandes Lopes dedicara-se especialmente à história dos Descobrimentos, de que vieram a lume excelentes trabalhos da sua autoria. Na arte musical foi um grande entusiasta, tendo realizado conferências e publicado obras de valor.

Para quando as obras no Asilo de Silves?

(Conclusão da 1.ª página)

de certo conforto. É certo que em alguns já existem, mas são edifícios muito antigos e em estado deplorável de conservação, pelo que carecem de uma remodelação, a fim de oferecerem as condições indispensáveis à sua louvável finalidade de dar algum conforto e bem-estar aos pobrezinhos, nos últimos dias da sua existência.

Esta falta foi também a que notámos há dias no Asilo de Silves, quando fomos pedir o internamento de uma pobre da freguesia de Armação de Pêra, o qual não foi possível, não só por não haver lugar, como pelo estado lamentável do edifício, avelhado e ameaçado ruína. Lastimando o facto, fomos mais tarde informado de que o edifício do asilo ia ser reconstruído e ampliado, de forma a oferecer de futuro as condições de conforto, higiene e alojamento indispensáveis à sua finalidade dentro do concelho. Mas, o que é também de lamentar, por ser inacreditável, é que esses projectos se venham arastando há tanto tempo, sem uma solução definida, pois segundo nos consta já vão decorridos uns 10 anos desde que foram apresentadas as plantas, etc. e até hoje ainda não foram definitivamente aprovadas para início da construção. E nós, em presença deste facto, sentimos vontade de perguntar: Como é possível criar-se o progresso e desenvolvimento do País, levando tantos anos para aprovação de uma obra tão útil à sociedade? Pobres dos necessitados que esperando vão morrendo...

E eis aqui um dos motivos por que os pobres do concelho de Silves, se vêem obrigados a andar pelas ruas, de porta em porta, a esmolar a caridade pública, pois não há um asilo em condições onde possam ser recolhidos, o que é vergonhoso, depreciativo, insocial, desumano e impróprio da época presente.

Eurico Santos Patrício

Compositor manual

Admite

ALIANÇA GRÁFICA DO SUL, LDA. — AV. DA REPÚBLICA, 66-68 — OLHÃO.

Aluga-se

Armazém com montras e cave, área 1 000 m², em Faro. Tratar com José Pereira Júnior, telefone 22683 ou José de Sousa Pereira, telefone 24499, na Estrada da Penha em FARO.

jem obter exemplos práticos de tão transcendente matéria. E por já vimos durante longo tempo numerosas pessoas, jovens e adultos, de cadernos nas mãos, tomando notas que decerto iriam servir de tema nos seus estudos ou explicações.

JANELA DO MUNDO

(Conclusão da 1.ª página)

rio é fornecer armas iguais aos seus protagonistas.

Mas estava a falar de eleições. A primeira é a da Câmara dos Deputados do Canadá, país onde quatro partidos disputam 164 lugares durante uma campanha em que as decisões do Primeiro Ministro Trudeau foram postas em causa por várias vezes. Mas a sua posição não deve ser abalada graças ao carácter liberal e progressivo do seu governo.

O segundo acto eleitoral, em 7 de Novembro, será um dos mais espectaculares, embora já não traga surpresas. Trata-se da reeleição de Nixon, agora já não restam dúvidas. Depois da campanha «sui generis» de Kissinger, feita mais no exterior do que no interior, e do acordo secreto com Hanoi cujas consequências são imprevisíveis e que não sabemos se trarão mesmo o fim do conflito vietnamita, Nixon tem perspectivas de arrancar nas eleições uma vitória sensacional e jamais sonhada pelos seus antecessores mais populares mas menos afortunados em conselhos políticos.

O dia 19 de Novembro marcará também uma das eleições com maior interesse dos últimos tempos. Trata-se das legislativas da Alemanha Ocidental que são antecipadas de um ano e põem em confronto duas figuras muito populares do país: Willy Brandt e Rainer Barzel. Aqui estão em confronto duas políticas, duas mentalidades opostas, dois destinos para os alemães. Barzel significa a prudência, o conservadorismo, a esperança da unidade; Brandt é o homem da época actual e do diálogo com o Leste. Resultados imprevisíveis por enquanto, num eleitorado bastante dividido.

Finalmente, a 29 de Novembro, haverá eleições legislativas na Holanda, onde 1 500 candidatos disputam 150 lugares. Luta de todas as cores com mais de cem partidos políticos em presença e pela primeira vez com a participação de jovens eleitores entre os 18 e os 20 anos. Campanha curiosa de resultados absolutamente desconhecidos, mas uma luta sã, democrática, num país que tem hoje um dos melhores níveis económicos da Europa.

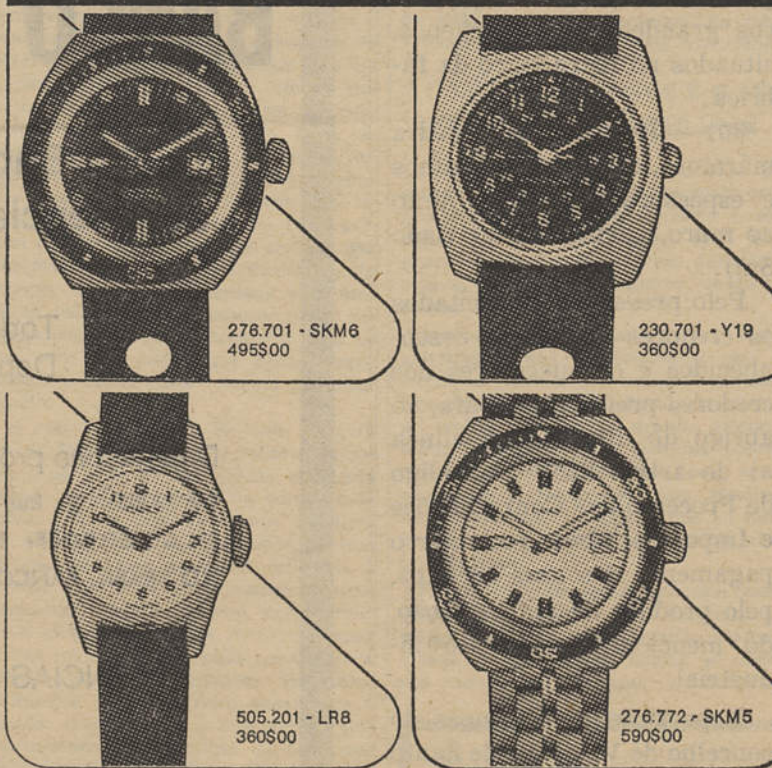
Talvez de todas estas actividades eleitorais pudéssemos tirar algumas lições e para já não vemos que elas possam ser destrutivas...

Mateus Boaventura

Portimão

Dr. José Castel-Branco, médico especialista, doenças do coração. Consultas aos sábados, às 15 horas, na Rua Dr. Manuel de Almeida, n.º 2-3.º Esq.

No tempo e na hora



TIMEX
em todo o mundo há mais pessoas a comprar Timex que qualquer outro relógio.

QUEM BEBE VINHOS

ARRUDA

NÃO MUDA

Produzidos pela: ADEGA COOPERATIVA DE ARRUDA DOS VINHOS

exija-os sempre à sua mesa
em casa, no bar ou no restaurante

TINTO BRANCO • RUBI

Um produto da rede distribuidora **TEOFILO FONTANHAS NETO COM. E IND. S.A.R.L.**

DEPOSITOS-FARO telef. 22669-TAVIRA telef. 294-LAGOS telef. 287
PORTIMÃO telef. 1154-ALMANSIL telef. 34-MESSINES telef. 8 e 99

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

Tel. 09633-Tel. 7041-45300/00-A Lisboa-Caixa Postal 1 S. R. de MESSINES-Algarve-Portugal

Monchique já tem telefones automáticos

Integrados no grupo de redes de Portimão, que, além deste concelho, engloba os de Monchique, Silves, Lagos, Lagoa, Aljezur e Vila do Bispo, foram inaugurados às zero horas de segunda-feira os serviços telefónicos automáticos da rede de Monchique e Caldas de Monchique. Presentes na estação onde decorreu a cerimónia, diversas individualidades, entre as quais o presidente do Município de Monchique.

Das povoações cobertas pela central de Portimão, ainda não dispõem de telefones automáticos as freguesias de Marmelete e da Bordeira, respectivamente, dos concelhos de Monchique e Vila do Bispo.

Encontrados mortos

Numa nora, no lugar de Bela Mandil, nos arredores de Olhão, foi encontrado o corpo da sr.ª D. Maria da Conceição Ramos, de 62 anos, viúva, natural de Conceição de Faro. A G. N. R. apurou que há dois meses, quando da morte do marido, a senhora tentara pôr termo à vida, o que concretizou agora, depois de regressar de Conceição de Faro, onde fora visitar uma filha. Como não havia suspeita de crime, a autópsia foi dispensada.

Quando tomava banho num hotel de Monte Gordo, onde se encontrava hospedado, foi vítima de colapso cardíaco, o sr. Isaac Shait, de 76 anos, súbdito inglês de origem judaica, residente em Sheffield, na Grã-Bretanha.

Depois de cumpridas as formalidades legais o corpo foi removido para a casa mortuária do hospital de Vila Real de Santo António, de onde por determinação de um seu filho que avisado da ocorrência se deslocou de avião à nossa Província, o funeral saiu no domingo de manhã para Lisboa, efectuando-se depois a trasladação.

Um algarvio por terras de França

(Conclusão da 3.ª página)

arquitectónicos e de escultura, e nos magníficos vitrais, que de tão justa fama desfrutam. Na visita de agora, notámos dois factores que podemos considerar como exemplos de progresso: música gravada permanente, de cunho religioso, já se vê, e «caixas» com gravações da história da catedral que o interessado escuta por meio de auscultadores que prende aos ouvidos e cujo aluguer, à entrada do templo, custa um franco (cerca de 5\$50).

A igreja da Madalena, na praça com o seu nome, é outro bonito mas mais recente exemplar da arquitectura religiosa, que para ela foi buscar inspiração nas construções gregas da antiguidade. Não exerce a mesma impressão de grandeza da Notre Dame, mas é realmente majestosa, em especial se observada do exterior. A feição bizantina da igreja do Sacré-Coeur, já nos referimos em anterior artigo, em que porém não aludimos ao típico do bairro em que se situa o celebrado Montmartre, local de boémia de artistas, que foi, e onde agora, como há vinte anos, vimos alguns pintores a recolherem para as suas telas as imagens, fixas ou móveis, que o local e a inspiração lhes ditavam.

Como grande cidade que se preza de ser, Paris tem museus de nomeada, dos quais o primeiro, em conteúdo que não em apresentação, pois precisa, de facto, de ser removido, é o do Louvre. Conta, porém, muitos outros que ao simples passante de alguns dias se não torna possível apreciar, embora talvez se não desgostasse de o fazer.

Depois de vermos o Louvre, fomos de novo à ampla e bem desenhada Praça da Concorde, enquadada por belos edifícios cuja forma exterior sugere a inspiração helénica que presidiu à construção da igreja da Madalena. Num desses edifícios encontrámos o que procurávamos — o Museu dos Impressionistas, onde a riquíssima pintura de Renoir, Monet, Manet, Degas, Toulouse-Lautrec, Van Gogh, Gauguin e tantos outros, se nos patenteava, e a centenas de curiosos como nós que se não cansavam de a admirar. Não foi má ideia esta de descentralizar do Louvre, dando-lhes casa própria, estes pinto-

res modernos, que na Concorde atraem multidões diariamente. Outro museu que nos tomou algumas horas — bem empregadas, aliás — foi o do Homem, no Palácio Chaillot, na zona conhecida por Trocadero, não longe da Torre Eiffel. Este Trocadero faz lembrar o Parque Eduardo VII, em Lisboa, com o Palácio ao fundo, de um lado, a servir de miradouro, e logo abaixo deste, na direcção da Torre, que fica em frente, extensos jardins com repuxos e muitas estátuas.

O Museu foi fundado em 1937, a quando da Exposição Internacional nesse ano realizada em Paris, e sucedeu ao antigo Museu Etnográfico do Trocadero. As salas de exposição repartem-se por dois andares, ficando no primeiro o cinema, com mais de 200 lugares, onde três vezes por semana são projectados filmes sobre etnografia e as secções de antropologia, física e paleontologia humana, de pré-história, da África Negra, de Madagascar, África Branca e Levante e da Europa.

O segundo piso é dedicado aos povos árticos, à Ásia, Oceânia e América, bem como à apresentação das artes e técnicas dos diversos povos. No andar inferior podemos ver, em vitrinas iluminadas, a evolução do feto humano, nas suas várias fases e larga e explícita documentação sobre a teoria de Darwin, bem como sobre as mais remotas descobertas que se conhecem, ligadas ao aparecimento do homem no nosso planeta e ainda as diferenças existentes entre os humanos de diversas raças, tudo ilustrado com referências a alguns fenómenos conhecidos. Tem ainda, entre muita outra matéria inenarrável mostruário geológico, preciso e bem catalogado.

O andar superior leva-nos a uma agradável viagem pelos usos e costumes dos povos e das velhas e novas civilizações dos cinco continentes, documentada por numerosos e valiosos objectos de uso pessoal ou de cunho artístico. Lá vimos também, expostos alguns utensílios usados pelos portugueses na pesca e na agricultura, bem como dois ou três dos nossos trajes regionais, estes, segundo lembos, oferecidos ao museu por António Quadros.

É curioso e chamativo este Museu do Homem, que pode, e deve constituir uma boa ajuda para os estudantes e professores que dese-

PILULAS DE

ALHO

ROGOFF

EXTRACTO CONCENTRADO DE ALHO FORTE

CONTRA AS MANIFESTAÇÕES ARTRÍTICAS, REUMATISMO, E VELHICE PRECOCE.

PREPARADO POR:

M. WOELM, ESCHWEGE
(Alemanha-Occidental)

À VENDA NAS FARMÁCIAS FRASCO COM 180 PILULAS

Representantes para Portugal:

CREFAR — R. DA MADALENA, 171-2.º — LISBOA

Arrematação

2.ª PUBLICAÇÃO

Domingos Feliciano Moisés, Juiz Auxiliar do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos no concelho de Vila Real de Santo António.

Faz saber que no próximo dia 28 de Novembro pelas 10 horas, na sede da firma Sopor — Sociedade de Mármore Portugueses, Limitada, sita à Estrada de Santo António nesta Vila, se há-de proceder à arrematação em hasta pública, pelo maior lance que for oferecido, do conjunto industrial, abaixo designado penhorado à dita firma, para pagamento de 1 888 241\$30, mais juros de mora, imposto de selo, imposto de justiça e outros encargos que se mostrarem devidos à data do pagamento, proveniente de dívida à Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência.

O conjunto industrial vai à praça pelo valor de 3 579 880\$80 e é formado:

1) — Um prédio de dois pisos, destinado a indústria com a área coberta de 1 123,865 m² e descoberta de 2 050,265 m², confrontando do Norte e Sul com terrenos municipais; Nascente com António Pessoa Soeiro, João Nascimento e terrenos municipais e Poente com Câmara Municipal, inscrito na matriz predial urbana da freguesia de Vila Real de Santo António sob o artigo n.º 3 285;

2) — Seis engenhos, sendo quatro marca B. Barsanti com o corte útil de 3,50x2,20x2,00 metros e dois Nacionais com o corte útil de 3,50x1,80x1,80 metros, automáticos, destinados a serragem de pedra, pelo sistema de areia e água, encontrando-se um destes necessitado de reparação;

3) — Seis máquinas de cortar pedra, duas marca B. Barsanti, três Renato & Joel Lda. e uma Nacional, cinco delas com os respectivos charrires, a última com o corte útil de 3,20 metros. Uma delas necessita de reparação;

4) — Cinco máquinas de polir pedra, eléctricas, duas marca B. Barsanti, uma Renato & Joel Lda., uma Olimar e uma Nacional. Uma das máquinas B. Barsanti encontra-se desmontada;

5) — Uma máquina desgrossadeira automática, marca Renato & Joel Lda., com comando eléctrico;

6) — Um posto transformador de energia eléctrica de alta tensão, com entrada de corrente a 220W e saída a 380w e com a potência de cerca de 30 000w;

7) — Duas pontes rolantes eléctricas, em ferro, acopladas com três motores cada, para funcionamento das mesmas;

8) — Duas bombas alimentadoras de engenhos de serrar pedra, com os respectivos acessórios, de marca Nacional;

9) — Nove máquinas rebarbadeiras, eléctricas, sete da marca Bosch, uma marca Towa e outra marca Star. Uma das máquinas Bosch necessita de reparação;

10) — Três máquinas de bujadar, eléctricas, duas marca Simbi e uma Bosch;

11) — Cinco berbequins, eléctricos, sendo quatro marca Bosch e um Vanderheen;

12) — Um conversor com montagem completa;

13) — Dois guinchos um eléctrico e outro manual;

14) — Vinte e cinco motores, eléctricos, respectivamente de: Três de 1, 5 C. V., quatro de 3 C. V., nove de 5,5 C. V., seis de 15 C. V. e três de 20 C. V.;

15) — Um transbordador, que se desloca sobre carris, construído de calhas de ferro, com quatro rodas;

16) — Nove zorras, com estrado de cimento armado, montado sobre quatro rodas cada;

17) — Dois grupos electro-bomba, um de 3 C. V. e outro de 4 C. V.;

18) — Uma tesoura de cortar ferro;

19) — Dois arrancadores triângulo «Siemens» de 380 V;

20) — Três maçaricos com mangueira;

21) — Quatro macacos manuais;

22) — Duas máquinas de arquear;

23) — Um jogo de dois carros, com duas rodas cada um;

24) — Uma máquina de polir pedra, móvel, marca B. Barsanti, accionada por motor eléctrico;

Todas as máquinas e ferramentas mencionadas se encontram em bom estado de conservação e funcionamento, com as excepções referidas.

25) — Material de pedra mármore acabado, e semi-acabado, em existência que consta de: Umbreiras, vergas, peitos, soleiras, degraus, espelhos, roda-pés, revestimento de paredes e pilares, tampos de cozinha, pias de lava-loiça e de despejo, capiamento e ladrilhos, de várias dimensões;

26) — Retalho de mármore, de vários tamanhos e espessuras;

27) — Chapas de mármore, de diversas espessuras, serradas e polidas;

28) — Matéria prima (chapas de pedra mármore serradas), de diversas qualidades, tamanhos e espessuras, situadas junto ao muro de vedação da fábrica (lado Sul);

29) — Três cargas de pedra mármore, em serração nos engenhos n.ºs 4, 5 e 6, cinco blocos grandes e dez pequenos, situados no logradouro da fábrica;

30) — Retalho de pedra mármore, de vários tamanhos e espessuras, situados junto ao muro, parte exterior (lado Sul).

Pelo presente ficam citados os credores incertos e desconhecidos e os sucessores dos credores preferentes, para, ao abrigo do disposto na alínea a) do artigo 226.º do Código de Processo das Contribuições e Impostos, virem reclamar o pagamento dos seus créditos, pelo produto da arrematação, do mencionado conjunto industrial.

Repartição de Finanças do concelho de Vila Real de Santo António, 19 de Outubro de 1972.

O Juiz Auxiliar,

Domingos Feliciano Moisés

O Escrivão,

António José Vargas Branco

TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA DE VILA
REAL DE SANTO ANTÓNIO

Anúncio

2.ª PUBLICAÇÃO

Faz-se saber que na acção com processo ordinário, pendente na única secção do Tribunal Judicial desta comarca de Vila Real de Santo António, movida pelo Autor HELLA HAAS, casada, doméstica, residente na República Federal Alemã, contra FRIEDRICH WILHEIM GOERTZ e mulher ELLY MARIA GOERTZ, residentes em parte incerta da Áustria, com última residência conhecida no sítio da Vista Real, Castro Marim, desta comarca, são estes réus citados para contestarem, apresentando a sua defesa no prazo de VINTE DIAS, finda que seja a dilatação de TRINTA DIAS, contada da data da segunda publicação do presente anúncio, com a advertência de que a falta de contestação importa a confissão dos factos articulados pelo autor. O pedido na referida acção consiste, em resumo, em que os RR. sejam condenados a pagarem à Autora a importância de duzentos e sete mil escudos, respectivos juros, desde a citação, resultante de dano causado pela falta de cumprimento de contrato.

Vila Real de Santo António,
14 de Outubro de 1972.

O Escrivão,

a) **Raul Eduardo Martins
Serina**

VERIFIQUEI:

O Juiz de Direito,

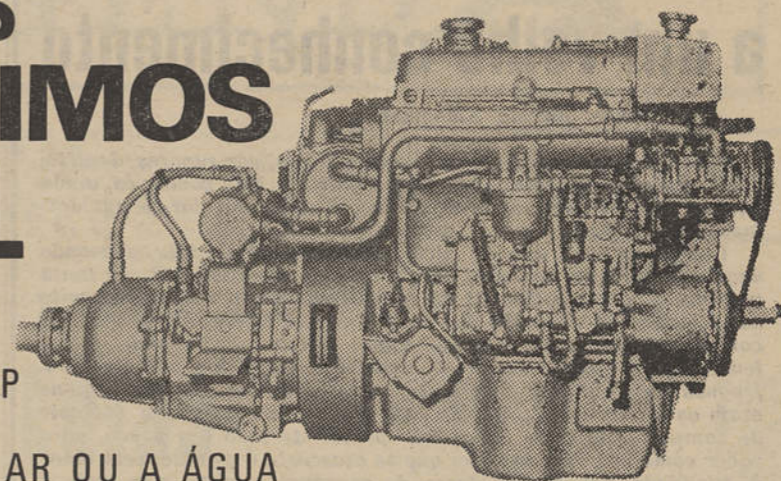
a) **Luiz Flores Ribeiro**

O JORNAL DO ALGARVE
vende-se, em Vila Real de
Santo António, na *Havana*
— Rua Teófilo Braga.

MOTORES MARÍTIMOS DIESEL

DE PEQUENA
CILINDRADA
DE 4,5 HP A 35 HP

REFRIGERADOS A AR OU A ÁGUA



REPRESENTANTES

MENDES DE ALMEIDA, S.A.R.L.

AV. 24 DE JULHO, 54 A.G. — LISBOA — TELEF. 66 77 94/8

ENSINO NO ALGARVE

PRIMÁRIO

Passaram à situação de aposentadas as sr.ªs D. Hermínia da Assunção Ribeiro e D. Luísa da Conceição Alves Nunes, regentes dos postos escolares da Senhora da Saúde (Faro) e Junqueira (Castro Marim).

— A seu pedido, foi exonerada a sr.ª D. Maria José Martins, regente do posto misto de Barrada (Alcoutim).

— Foi concedida a 1.ª diuturnidade ao sr. Rogério Lopo das Neves, professor do 2.º lugar da escola masculina de Algoz (Silves).

PREPARATÓRIO

Por conveniência urgente de serviço, foram nomeados professores provisórios: de Educação Física, na Escola Preparatória de D. Martin Fernandes, em Albufeira, a sr.ª D. Maria Helena Pacheco Duarte e de Trabalhos Manuais na Escola Preparatória de D. Martinho de Castelo Branco, em Portimão, o sr. Manuel João das Neves Martins.

TÉCNICO

Por conveniência urgente de serviço, foram nomeados professores provisórios na Escola Industrial e Comercial de Faro, do 4.º grupo, a sr.ª dr.ª Maria Dulce Leitão Alves Monteiro e do 2.º grupo, o agente técnico sr. Ilídio da Piedade Luz.

Publicações

«Guia dos Correios, Telégrafos e Telefones, Continental, Insular e Ultramarino, para 1972

Chegarão-nos os dois volumes que habitualmente compõem o Guia dos Correios, Telégrafos e Telefones, Continental, Insular e Ultramarino, para 1972 (46.º ano), o primeiro dos quais engloba pormenorizada informação do comércio, indústria e profissões liberais de Lisboa e Porto, e traz ainda detalhado esclarecimento sobre os serviços dos Correios. O segundo volume diz respeito ao Continente, Ilhas e Ultramar, de que também insere completa informação.

Com aprimorado aspecto gráfico, o Guia dos C. T. T., fundado por Adelinho dos Santos (Santelmo), é edição e propriedade da Gráfica Santelmo, Lda., de Lisboa.

«AGRO-PECUÁRIA» — Recebemos o n.º 8, de Agosto/Setembro, que além das habituais rubricas contém os artigos: «Agricultura, emigração, ciclos viciosos, etc.»; «Olivicultura é tema — Factores influentes na redução da produção»; «Agro-factos»; «Noticiário Internacional»; «Leite é tema — depolimento e despacho»; «Ponta Delgada — Onde há leite há carne»; «Citricultura — preparar o futuro»; «Classificação das cooperativas agrícolas» e «Panorama avícola».

Lopes & Santos, Lda.

Certifico narrativamente que por escritura de hoje, lavrada a fls. 5 v. do L.º B 111 de notas para escrituras diversas do Cartório Notarial de Portimão a meu cargo, António Grade Rosa cedeu a sua quota de vinte e cinco mil escudos na sociedade em epígrafe, a António Santos Cabrita Oliveira, que por sua vez cedeu o direito a metade indivisa de uma quota de vinte e cinco mil escudos, ao seu comproprietário Manuel Teodósio Caldinha. Que ficando a ser os dois únicos sócios da referida sociedade, cujo capital social era de 50 000\$00, resolveram aumentar o referido capital com a entrada do novo sócio João José Lopes, que subscreveu uma quota de 25 000\$00, passando assim o capital a 75 000\$00, inteiramente realizado, tendo alterado os artigos 5.º e 6.º do pacto social, os quais passaram a ter as seguintes redacções:

Artigo 5.º

O capital social é de setenta e cinco mil escudos, integralmente realizado, e corresponde à soma de três quotas iguais dos sócios.

Artigo 6.º

Todos os sócios são gerentes, sem caução e com ou sem remuneração, conforme o que por acta for acordado, sendo necessária a assinatura de dois gerentes para obrigar a sociedade, em juízo ou fora dele, activa ou passivamente. Para os actos de mero expediente é suficiente a assinatura de qualquer dos sócios

Portimão e Cartório Notarial, aos 27 de Outubro de 1972.

A Notária,

Mariana Carapeto dos Santos

Motor Peugeot 504

Vende-se motor de Peugeot 504 (gasolina) com 78 000 Kms, rigorosamente impecável e ainda montado.

Resposta à Avenida 5 de Outubro, 73-2.º Dt.º em Faro.

VENDEM-SE vários lotes

Terreno na zona industrial Bom João, junto à ria de Faro. Área total 30 000 m². Inf. telefone 317715, Lisboa, ou no local com António Pires.



BANCO PINTO DE MAGALHÃES

Um Banco nacional com uma perfeita
assistência aos seus clientes no estrangeiro.

Todas as operações bancárias.
Depósitos à ordem e a prazo. Transferências.

Delegações próprias no estrangeiro:

EM PARIS: 20, Rue de la Paix — Paris 2.ª (OPERA) Tel. 0738383

EM DUSSELDORF: Friedrich Ebertstrasse, 28 — Tel. (0211) 350471-360561

NO BRASIL: BANCO PINTO DE MAGALHÃES S/A — Rua do Ouvidor, 86 — Tel. 2522838
Rio de Janeiro

AGÊNCIAS E CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS
E NO ESTRANGEIRO

EM VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — Avenida da República, 83

...NA HIGIENE HABITUAL DO SEU CABELO

item

LOÇÃO CAPILAR SHAMPOO

cabelos NORMAIS
cabelos SECOS
cabelos GORDUROSOS

PEÇA FOLHETOS A:
COLIM
R. DA ALEGRIA, 181 PORTO

Notícias de LOULÉ

Considerações e reminiscências

A op oportunidade souva sou onb e wubwub souw so onb yuicqem carta de chamadas final, maior vácuo de amizade, de estima e de compreensão vamos sentindo. Será que esta falta nos condena a nós? Será que sejam nos quem, egoística e voluntariamente nos vamos afastando dos novos, querendo manter uma supremacia de mando, traduzida numa orientação errada, num desvelamento de intenções, actos, atitudes a que nos habituámos e de que não queremos abdicar e, por isso, nela reincidimos? O certo é que, cada vez mais, vamos sentindo o vácuo entre nós e as novas gerações, mantendo ideias antagónicas e contudentes, criticando, censurando, classificando cada vez mais acentadamente, cada vez mais declaradamente, as atitudes da gente nova.

Por seu lado, eles, sentindo a pouca validade dos nossos preceitos e preconceitos, a inutilidade de certos princípios, o obsoleto de certas exigências nossas, mostram-nos a sua indiferença, julgando que em tudo o que fazemos ou pensamos, existem velharias e regras fora de moda ou de série, que não têm qualquer fundamento útil ou aproveitável e não querendo estabelecer confrontos ou contestações, ou mesmo apenas comparações, não perdem tempo a aprender, apreender ou compreender o que, para eles, representa êxito moral.

Mas se perdessem um pouco destas ideias preconcebidas e se dessem ao trabalho de desventrar, estudar ou avaliar o que representa este choque de ideias, de pensamentos, de atitudes, de preceitos e preconceitos, talvez se admirassem de que nós, velhos, estamos a aprender mais, muito mais do que eles que caminham sem rumo, sem experiência, sem sentimentalismos doentios, sem uma perspectiva e um ideal que consubstancie uma «ordem de vida», um sentido de aperfeiçoamento do homem e do colectivo.

Depois têm a vida facilitada em tudo. No meu tempo de estudante tive de andar muitas vezes a pé os 5 km até à estação de caminho de ferro, de madrugada, bem cedo, para ir de regresso de férias, enquanto hoje os meios de transporte são fáceis e a todos os momentos e as boleias apanham-se aos montes.

Para se conseguir uma bola, havia que estragar ou utilizar uma meia, que, com papéis ou trapos e cosida exteriormente, servia para os nossos desafios de futebol enquanto hoje os nossos netos já duas ou três bolas de «cutchouc» que estragam. Muitos botões e rasgões preguei e costi, para não andar com as calças ou os casacos desabotoados, enquanto hoje ninguém liga a um botão roto ou a umas calças franjadas em baixo. Quantas vezes, de manhã cedo, sentados num banquinho, com uma caixa de graxa — nem a pomada era ainda conhecida, nem existiam engraxadores — tratámos de dar algum aspecto, às botas, o que hoje estou convencido já ninguém faz aos sapatos. E «cebo de holandês», se eram brancas, para se amaciarem e durarem mais.

Os nossos piqueniques eram uma dúzia de sardínhas compradas nas canastras, que se vendiam à porta de algumas tabernas — vulgo estivadés — que se assavam nos pinheiros sobre duas pedras ajeitadas adrede, ou num bote que atugávamos e íamos encaixar em qualquer ponto da ria até que a maré nos livrava, não raras vezes tendo que saltar para o lado, encarrucados até aos joelhos para desencalhar o bote.

Lembro-me ainda que para aprender a andar de bicicleta, fui pondo de tosta em tosta na Caixa Económica Postal, na mira de em chegando a 1800 levantar o escudo e deixar os 2 tostões, pois diziam-nos que se saldássemos a conta já não podíamos por mais dinheiro. Mas como o vício de aprender era grande, quando chegou ao 1800, fui levantar os 8 para deixar lá dois.

Hoje é tudo diferente e parece haver dinheiro para tudo. Os mítidos sonham já com as «shoppers» aos 7 anos, para porem de parte as bicicletas «cometas» que os pais trouxeram desarmadas de Espanha, para aos 15 começarem a pensar numa motorizada, que aos 18 se passa em sonho para um carro que tenha 180/200 kms no velocímetro.

Os conjuntos musicais, a abundância de discos com música «pop» ou «yé-yé» proporcionam tantas diversões aos jovens que uma «sessão de camaradagem» em casa da... é tão corrente como ir com duas ou três amigas ver o filme para maiores de 18, porque os outros já enjoam.

Como é que eles podem pensar um

pouco na vida, se esta corre com tantas facilidades e tantas diversões ao mesmo tempo e lhes são proporcionadas tantas distrações, que até o desporto vai sentindo falta de praticantes? Onde está, hoje, o espírito de sacrifício, que nós tivemos de suportar e de aguentar para vencer?

Isto é que nos dói, isto é que nos mostra uma mocidade que entrou na vida, com tudo facilitado, com tudo às suas ordens, sem preocupação de fundo, dominante, intransigente, intolerante e irreverente.

O futuro é deles e, valha a verdade, se eles pensam que é assim, se são eles que vão viver assim, porque havemos nós de estar a contrariá-los, de estar a inculpá-los, de estar a procurar que eles sofram ou sintam as dificuldades, camseiras, sacrifícios e privações que nós já vivemos, sofremos e vencemos?

R. P.

H. PIMENTA DE CASTRO

Médico Especialista
Prótese Dentária
FARO
Consultas com marcação
Olhão: das 10 às 13 e ainda tardes de terça-feira
Faro: 2.ª, 4.ª, 5.ª, 6.ª a partir das 15 horas
Telef. { Olhão 72619 { Consultório
{ Faro 25856 {
{ 23104 { residência
{ 2247 {

VENDE-SE EM OLHÃO

Propriedade com 1 659 m², frente 65,5 m. para Av. Combatentes G. Guerra. Sítio privilegiado, amplo, ajardinado junto da Estação do C. F. Construção de 2 a 4 pisos.
Trata: José G. Cruz — Telef. 23605 — Barra — Aveiro.

TORRÃO Nélia

SABOROSO
NUTRITIVO
VITAMINADO

PRODUZIDO E EMBALADO AUTOMATICAMENTE
CONFETARIA NÉLIA-ESPOSENDE

TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA DE VILA
REAL DE SANTO ANTÓNIO

Anúncio

2.ª PUBLICAÇÃO

Faz-se público que pelo Juízo de Direito desta comarca e única Secção de Processos, correm éditos de VINTE DIAS, contados da publicação — segunda, — do presente anúncio, CITANDO OS CREDORES DESCONHECIDOS DO executado JOSÉ AFONSO HENRIQUES, viúvo, comerciante, que residia nas Furnazinhas-Odeleite, desta comarca, para no prazo de DEZ DIAS, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na Execução Sumária N.º 79 movida por PINTO DE MAGALHÃES (BANQUEIROS), LIMITADA, com sede no Porto, desde que gozem de garantia real sobre o bem penhorado: direito à meação do executado na herança de sua falecida mulher, Maria Joana.

Vila Real de Santo António, 18-10-1972.

O Escrivão de Direito,
a) João Luís Madalena Sanches
VERIFIQUEI:
O Juiz de Direito,
a) Luís Flores Ribeiro

Pára-raios

Dos tipos FRANKLIN e RÁDIO-ATIVOS, fornece-mos e instalamos em qualquer parte do País.
Orçamentos grátis
Dirigir à casa mais antiga do Sul do País, autorizada pela Junta de Energia Nuclear. Heliodoro Nobre Valente, Lda. — Telef. 21 — Apart. 3 — Ourique.

PORTO POÇAS JUNIOR

Um produto da rede distribuidora PROLOR
DEPOSITOS-FARO telef. 23669-TAVIRA telef. 264-LAGOS telef. 62287
PORTIMÃO telef. 23685-MESSINES telef. 45306/07/08/09

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS
EST.º TEÓFILO FONTAINHAS NETO COM.º E IND.º, S.A.R.L.
Telex 08233-Teleg. Teof. Telef. 45308/09-4 Linhas- Caixa Postal 1 S. B. de MESSINES-Algarve-Portugal

CORREIO de LAGOS

«O TEATRO EXPERIMENTAL DE LAGOS PROMETE»

A propósito da primeira actuação do Teatro Experimental de Lagos, escrevemos algo com o título destas linhas, que, segundo o texto da carta de J. Conceição Silva inserta no *Jornal do Algarve* de 23 de Outubro, se nos afigura haver sido mal interpretado.

A Companhia Rafael de Oliveira cedendo o teatro desmontável para a actuação, colaborou eficientemente, pois decerto facilitou quanto estava ao seu alcance para que tudo resultasse como se de coisa sua se tratasse, e assim não deixou de apoiar amadores que sem a experiência de artistas como Alexandre Passos, talvez não tivessem conseguido o êxito que vimos.

A montagem e decoração das peças têm grande importância para resultados positivos, e assim, o signatário sem menosprezar J. Conceição Silva conclui que o seu esclarecimento é, senão injustificável, pelo menos de somenos importância. Necessita o Teatro Experimental de ir mais além, o que dificilmente conseguirá se os que orientam o grupo se prenderem com pequenas coisas como consideramos a de no caso havermos referido artistas amadores e o autor da carta em referência ter derivado por ordem artística de elementos da Companhia.

O FUMO DA LAVANDARIA DO HOTEL DE LAGOS, PREJUDICA ALGUNS VIZINHOS

Sem menosprezarmos quantos lutam para que Lagos disponha de hotéis que bastem para receber os nacionais e estrangeiros que nos dão preferência, julgamo-nos no direito de defender que aos vizinhos desses hotéis sejam asseguradas condições de salubridade nunca inferior à que mantinham antes das suas instalações. Acontece porém, que têm vindo até nós pessoas prejudicadas por fumos provenientes da lavandaria do Hotel de Lagos, cuja chaminé apesar de alta, não dá vazão suficiente aos resíduos especialmente nas ocasiões em que sopram ventos do sueste. Ora, a técnica dispõe hoje dos meios precisos para solução de problemas desta natureza, pelo que confiamos que a empresa do hotel, ponderando nos prejuízos dos seus vizinhos, tudo encaminhe no sentido de lhes pôr termo.

ROUBOS ESTRANHOS

Na época que passa, em que os homens, na sua grande maioria, agem sem pensar, coisas estranhas surgem a cada momento. São os proprietários de determinados estabelecimentos que os tomaram sem bases para o efeito, que entram no roubo porque quem não respeita os compromissos que toma se pode considerar ladrão ao ponto de contribuir para que homens que sempre prezaram os seus compromissos se vejam em sérios embaraços para saírem das rateiras que lhes armam. São algumas empresas e intermediários de compra e venda de terrenos que, sem bases para tomarem compromissos, tudo prometem e nada cumprem. São os sem eira nem beira, que passam cantando, e talvez para viverem vão roubando.

O roubo da cabeça de uma imagem de S. José que data de tempos remotos e por acto de vandalismo ou queda casual estava separada do corpo, mas assente neste, conservando-se no átrio do Museu Regional, em conjunto com pedras de valor histórico, leva-nos a pensar que homens estranhos, muitas vezes mal tratados, podem, para tornar mais atractivas as suas reuniões, expor coisas raras como se pode considerar a cabeça da referida imagem, que, relativamente pequena, deve pesar uns 5 quilos, despertando a curiosidade dos coleccionadores de obras de arte que pelo mundo fora vão sendo roubadas em volume assustador.

A vigilância permanente sobre os que pouco ou nada produzindo, passam por nós é pois algo que nos atrevemos a defender.

Os roubos e assaltos noticiados com referência a Lagos, apesar de praticados por pessoas estranhas ao meio, não deixam de nos colocar mal, e as-

sim, impõe-se que nos unamos no policiamento da cidade, comunicando aos respectivos agentes a presença de quantos julgados nocivos e que possam contribuir para reduzir o que de bom pretendemos realizar.

TERMINARAM AS FESTAS DA CIDADE

As festas da cidade, iniciadas em 6 de Agosto, terminaram em 27 de Outubro, feriado municipal, com solenidades religiosas em honra de S. Gonçalo de Lagos e encerramento da exposição de artes plásticas.

Talvez por programadas com grande antecedência e longo período de duração, muitos imprevistos surgiram e o programa esteve muito longe de ser cumprido. Mas o que tivemos ocasião de constatar no dia do encerramento, foi ao ponto de termos dito a muitas pessoas que as festas da cidade de 1972 tinham fechado com chave de ouro. Isto porque Lagos poucas ou nenhuma vez se constatou em actos solenes a presença das autoridades mais destacadas no meio local e provincial, como as que tivemos ocasião de verificar, quer nos actos religiosos, quer no encerramento da exposição de artes plásticas no Museu Regional, quer no convívio na Duna, como homenagem às autoridades e artistas que expuseram os seus trabalhos, alguns de valor e que foram premiados com pequena estatueta, em bronze, obra do apreciado esculptor João Cutileiro um dos membros do júri. Foi como que um «oscar» atribuído a quantos concorreram. As palavras que o bispo da diocese dirigiu ao governador civil, demais autoridades e povo em geral, quer de saudação quer de despedida, na ocasião da missa que celebrou na igreja de Santa Maria, proferidas com eloquência e destacando as virtudes de S. Gonçalo de Lagos que nasceu do povo e para o povo viveu, produziram efeito salutar em toda a assistência. A sua presença na processão, no encerramento da exposição de artes plásticas e no convívio foi motivo de contentamento para todos.

Somos porém de opinião, que em anos futuros as festas da cidade se limitem a duas semanas, uma coincidindo com as solenidades em honra da Sr.ª da Piedade, durante o mês de Agosto, outra em honra de S. Gonçalo, na última semana de Outubro, e que no primeiro caso a ida da imagem se prolongue até ao cais da Salaria e no segundo até ao nicho de S. Gonçalo de Lagos. Numa ou noutra os barcos engalanados na baía, silvariam quando as imagens se aproximassem do mar, vivendo-se assim algo mais tradicional.

A CÂMARA DE LAGOS E O SEU PLANO DE ACTIVIDADES

Porque a actual Câmara luta para dar ao concelho algo que o torne mais progressivo, foi-nos grato conhecer o seu plano de actividades para 1973, que prevê muito do que temos defendido através do *Jornal do Algarve*, desde há bastos anos.

Apesar da boa vontade de que estão animados todos os elementos que a compõem, inclusive o pessoal dos Serviços Municipalizados, duvidamos muito de realizações de tão grande alcance, como habitações para famílias pobres e serventários municipais, pois estes não poderão manter-se, nem aquelas, sem habitações de rendas que se harmonizem com os ordenados ou salários que auferem.

Porque mais faz quem quer que quem pode, apoiemos por todos os meios ao nosso alcance os que querendo realizar a bem do concelho de Lagos, só poderão concretizar os seus pensamentos

TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA DE VILA
REAL DE SANTO ANTÓNIO

Anúncio

2.ª PUBLICAÇÃO

Faz-se saber que pelo Juízo de Direito desta comarca e única Secção correm éditos de VINTE dias, contados da data da publicação do presente anúncio, citando os credores desconhecidos do Executado JOSÉ AFONSO HENRIQUES, viúvo, comerciante, residente nas Furnazinhas — Odeleite, para no prazo de VINTE dias posteriores àqueles dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução movida por JOÃO SILVA OLIVEIRA, casado, proprietário, residente nesta vila, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Vila Real de Santo António, 6 de Outubro de 1972.

O Escrivárário,
a) Raul Eduardo Martins Serina
VERIFIQUEI:
O Juiz de Direito,
a) Luís Flores Ribeiro

Impossível? Não, não é

OWATROL

Suspende a acção da ferrugem. Permite pintar sem decapagem prévia. Melhora a qualidade das tintas.
Procuram-se agentes.
Soaga — Apartado, 1901 — LISBOA-1.

Georges Lemonnier

Decorador das Belas Artes de Paris, residente em Pinheiro — Silves — Algarve, encontra-se à vossa disposição para Estudos, Projectos, Decorações e Publicidade. Consultas sem compromisso.

JURAMENTO DE BANDEIRA

No dia 27 de Outubro, foi-nos dado assistir ao juramento de bandeira dos recrutas do 2.º subturno da 3.ª E. R. de 1972 do C. I. C. A. n.º 5.
Joaquim de Sousa Piscarreta

Terrenos para Construções

PRÉDIOS DE RENDIMENTO E ANDARES

Em nova urbanização, servido por transportes colectivos, com grande futuro.
VENDEM BARATO: J. PEREIRA JOR. E J. S. CARRUSCA
Estrada da Penha FARO

(Conclusão da 1.ª página)

imóvel fosse instalada uma biblioteca fixa que serviria de biblioteca-museu. Para o efeito tenho até algumas peças que foram pertença da família do poeta e que adquiri depois disso.

«Em face do malogro da negociação, pensámos em criar um jardim-escola em Messines, o que para nós tinha muito interesse, pois tratava-se do primeiro do sul do País, e seria a forma mais digna de os messineses saldarem uma dívida para com o seu poeta e ao mesmo tempo consagrarem no Algarve o nome de João de Deus Ramos, filho de João de Deus e principal obreiro dos jardins-escolas com o seu nome existentes no País. A partir de então criou-se uma comissão constituída por sete ou oito elementos no executivo e outros tantos na comissão de honra.

«Dava-se o feliz acaso de ter como amigo o sr. brigadeiro Armando Girão que, sendo filho de quem viveu, como nós, a pena de não poder honrar na sua terra natal a memória de João de Deus, pretendeu e conseguiu fundar um jardim-escola em Viseu. Por isso não teve relutância em nos dar a mão para que fôssemos ouvidos na Fundação Gulbenkian.

«Em 1964, a Associação dos Jardins-Escolas João de Deus dirigiu-se à Fundação, propondo a criação de um jardim-escola em Messines, pedido que não foi então possível atender. Porém, pela mão amiga do sr. brigadeiro Girão, logo o sr. eng. Guimarães Lobato, seu amigo íntimo, recebeu a incumbência de nos ajudar e, passados quinze dias, tínhamos a confirmação de que a Fundação participaria a nossa obra com seiscentos contos. Com este auxílio, demos imediatamente início aos trabalhos.

«Como sabe, o declive existente no sítio em que está implantado o jardim-escola é de tal ordem, que houve desânimo quase total. Para seguir todas as terras despendidas criou-se um «cemitério» de ferro e cimento em que foi gasto muito dinheiro, não patente ao olho do povo, mas que constitui a infra-estrutura do grande imóvel que é o jardim-escola. O desânimo, enfim, não nos acompanhou sempre e fez precisamente um ano no dia 8 de Março que tive o prazer de comunicar publicamente ir ser a inauguração do jardim-escola de Messines uma realidade em 8 de Março deste ano. Como vê, cumpriu-se a promessa. O jardim-escola está de pé, mas cabe realçar o sacrifício, a boa vontade posta naquela obra. Cerca de doze dias antes da inauguração, fomos apanhados de surpresa pela visita do chefe do distrito, dr. Manuel Esquivel, que nos exprimiu a sua mágoa por ver a obra muito atrasada, dizendo-nos ser impossível tudo estar pronto na data prevista. Talvez a sua descrença nos tivesse servido de lenitivo, ao ponto de, em doze dias, surgir o milagre de ver a obra concluída. Não posso deixar sem uma palavra de agradecimento quantos trabalharam para ela. No penúltimo domingo, tivemos a certeza de que todas as obras param em Messines, para que todos pudessem dar a sua azeite. Chegámos a juntar mais de trinta pedreiros e de vinte serventes, mais os elementos que sentiram o peso da responsabilidade, entre eles o companheiro Cabrita Neto e João Afonso, que nunca nos desampararam. E assim nasceu o jardim-escola.

— Como irá ele funcionar?
— Quanto ao funcionamento, pelo que sei será entregue à Associação dos Jardins Escolas João de Deus. O ensino será ministrado pelas monitoras e educadoras de infância, preparadas naquela Associação. Sei que terá uma directora e três ou quatro auxiliares. Quanto às condições económicas, mesmo sem elementos seguros sei que é dos estatutos que um terço da lotação do jardim funcione gratuitamente, isto é, as crianças mais necessitadas nada pagarão. Outro terço irá pagar de harmonia com as condições económicas dos familiares. E o terço restante pagará uma taxa que não posso precisar, mas que é a normal em estabelecimentos do género. Portanto, serão admitidos três grupos de alunos, mas todos formando um bloco único, porque lá não existem distinções, sendo todos tratados da mesma maneira. Todos os meninos que chegam, despem as suas roupas, vestindo a que lhes é fornecida pelo jardim-escola. Portanto, desde a roupa ao calçado e à alimentação, são tratados de igual maneira.

MESSINES VAI TER AS PRIMEIRAS PISCINAS PÚBLICAS DO ALGARVE

— Quais os projectos para o próximo 8 de Março, ainda que para ele faltem muitos meses?

— Ainda estamos um bocadinho longe, de facto, mas estou certo de que alguma coisa se vai fazer. Oito dias após o último 8 de Março, tivemos o prazer de nos reunirmos de novo, não toda a comissão, mas alguns dos seus elementos, em casa do companheiro Cabrita Neto, sendo aí constituída uma nova comissão e tratado em profundidade o problema do Grupo dos Amigos de Messines, já em estudo. Nesse mesmo dia foi lançada a ideia de se construir em Messines as primeiras piscinas públicas do Algarve, para o que abordámos o nosso amigo e conterrâneo Teófilo Fontainhas Neto que logo dispôs de

MESSINES viu resolvidas algumas grandes aspirações

uma faixa de terreno localizado a sul do jardim-escola, a uns escasos metros deste. Esse terreno fora comprado pouco antes, para nele instalar parte da sua vida comercial, mas atendendo ao fim altruista que a construção das piscinas encerra, logo ofereceu aquilo que lhe custara mais de uma centena de contos.

«Da nova comissão fazem parte o sr. Cabrita Neto, filho do sr. Teófilo Fontainhas Neto, o sr. João Afonso, eu e um veterano, o sr. Francisco Ambrósio Neto, isto na parte executiva. Na de honra, temos apenas o doador, sr. Teófilo Fontainhas Neto.

«Foi num clima de extraordinário baillismo que se deram os primeiros passos no sentido de obter a verba necessária para a criação das piscinas. E devo dizer-lhe que nesta altura já disponho de mais de oitenta contos para o efeito. Por outro lado, a comissão ainda não oficialmente constituída, mas que já começou a trabalhar, deverá avistar-se com o vice-presidente da FNAT, a quem exporá a nossa pretensão, para sabermos até que ponto poderemos contar com o auxílio deste ou de outro organismo, corporativo ou não, que possa subsidiar a obra, que já vislumbramos seja de grande alcance e, portanto, de muita monta.

Como há pouco falou na constituição de um Grupo dos Amigos de Messines, que mais pode dizer sobre o assunto?

— O Grupo é também um dos nossos sonhos de há muito, pois temos constituído várias comissões e sempre achei que seria bom que existisse, como coordenador de todos os empreendimentos que aparecem pró-Messines. Tudo o que se relacionasse com o progresso da nossa terra teria como base o Grupo dos Amigos de Messines, e então, para evitar agora a criação do Grupo Pró-Piscinas, lembrámo-nos de criar um Grupo dos Amigos de Messines, que já está, portanto, a ser pensado em profundidade e para cuja criação já reunimos, a fim de os estudarmos, os estatutos de outros grupos congêneros.

— Quais as maiores dificuldades que encontrou após a eleição para presidente da Junta de Freguesia?

— No aspecto administrativo das nossas relações com a Câmara Municipal de Silves, necessariamente que temos alguns problemas, porque a nossa terra é de uma importância extraordinária, é uma freguesia que conta no concelho de Silves, e até na economia do País, pois temos uma área grande, de cerca de 254 km² e uma população superior a doze mil habitantes. O nosso poder sócio-económico é elevado e a nossa posição em relação à contribuição dada ao Município de Silves é bastante boa. Posso até dizer-lhe que contribuímos, segundo informações que colhi na Câmara de Silves, com importância superior a 60% do valor global que a Câmara arrecadou no ano de 1971 na contribuição de comércio e indústria. Portanto, estes números são bastante significativos e dizem da importância da nossa freguesia.

«No aspecto da contribuição do concelho para a freguesia de Messines, é que não estamos na mesma proporção, não recebendo nesse caso os 60% que damos. A Junta não conta com receitas de qualquer natureza, mas tem despesas certas, entre elas os ordenados do funcionário do cemitério e de uma escriturária, já que a limpeza está a cargo da Câmara. E não tendo receitas próprias de qualquer espécie, há uma despesa de três contos e quatrocentos só para empregados, não falando no expediente. A Câmara participa com mil e seiscentos escudos mensais, ou seja menos de 50% da despesa obrigatória, de forma que tenho de descobrir a forma de a importância da Câmara liquidar as despesas obrigatórias.

«As dificuldades são inúmeras e não temos autonomia porque não temos dinheiro, e sem ele não podemos fazer obras, ainda que tenhamos um programa não posto de parte. Vamos ver se alguma coisa se irá fazer no sentido de ver a nossa terra um bocadinho mais embelezada. Nesta altura já está a dar-se um milagre, na alameda de António Vaz Mascarenhas, a dos plátanos quase centenários que poderia ser um centro de recreio magnífico e tem servido de montureira. Pois, posso informá-lo de que a primeira fase da obra está concluída, a pavimentação central foi grátis e projectamos fazer o calçamento e o arranjo de toda a zona dotando-a de bancos para descanso e recreio, e abrindo canteiros junto das árvores.

«Também já conseguimos o alargamento da zona do cemitério e sua desobstrução, ficando com uma área de mais de vinte metros no sentido longitudinal da estrada nacional. Dentro do cemitério, graças ao trabalho e perseverança, estamos a construir mais um lote de 36 catacumbas e a dar um aspecto mais agradável, de maneira a que as pessoas não saiam de lá mais horrorizadas do que entram.

— Já que falou no cemitério, poderá dizer-nos se há ideia de

removê-lo para outro local, porque em breve não só estará dentro de Messines como também na Estrada Nacional n.º 124?

— O problema é muito sério; há três dezenas de anos, o Estado gastou num cemitério a quantia astronómica para a época, de mais de quatrocentos contos. Escolheram precisamente o local menos indicado e depois de posto ao serviço, alguém reconheceu que o terreno não tinha condições e que portanto não se justificava que continuassem a utilizá-lo. Hoje, o recinto, destina-se a campo de jogos.

«De então para cá, apenas se pensou no alargamento do cemitério existente, alargamento que não foi feito com o aproveitamento total, porque nessa altura a senhora que cedeu o terreno gratuitamente, cederia todo o que fosse necessário. Talvez a situação económica de então não o permitisse, e foi feito como sabe um alargamento de cerca de 50% numa zona nova. Mas na medida em que as pessoas têm, enfim, manifestado o desejo de adquirir terreno para sepulturas perpétuas, hoje estamos em situação difícil, constatando que não temos terreno para vender, porque os quatro talhões existentes apenas dão para ir fazendo «roulement», de quatro em quatro anos, desenterrando uns e sepultando outros, e portanto não se pode vender terreno no cemitério. Terminámos portanto com essa prática, o que de certo modo nos traz um prejuízo grande, porque era através da venda dos terrenos do cemitério que a Junta ia buscar receita que pudesse servir para outros fins. A situação é pois esta e não sei de qualquer diligência no sentido de se transferir o cemitério velho para outro local, ou de criar um novo.

— Sabendo de um despacho do Ministério das Obras Públicas sobre a obrigatoriedade da criação de planos de urbanização para aglomerados urbanos que excedam determinado número de habitantes, poderá dizer-nos se há em Messines alguma ideia que se relacione com o assunto?

— Que me conste, não existe plano director de urbanização. Há urbanizações em propriedades privadas que já se encontram aprovadas e estão a ser vendidos terrenos para o efeito. Contudo, consta-me que qualquer aglomerado de mais de dois mil habitantes tem de ter esse plano; simplesmente não dou notícia de que já esteja em prática.

O BARRANCO DE ESGOTOS AO AR LIVRE

— Em Messines existe um barranco que serve de escoamento aos esgotos de toda a população com o seu maior percurso desastado e dentro da aldeia. Ora, nestes tempos, em que nos empenhamos em campanhas anti-polição a nível internacional, e se evita que existam águas estagnadas e em putrefacção, o barranco desastado de Messines é sério atentado à saúde pública, não só pelos odores fétidos que exala, como pelos mosquitos que lá se criam e invadem Messines nas épocas de calor. Sabemos também que a sua cobertura já tem longa história, e que o sr. Vargas Mogo conhece bem o assunto.

— A cobertura do barranco faz parte do saneamento da terra. Foi no meu tempo, da primeira vez que estive na Junta, que essa obra foi adjudicada, e portanto conheço um bocadinho dela. Inicialmente pedi ao ministro das Obras Públicas, então eng.º Arantes e Oliveira, que nos desse o prazer de nos dotar com o grande melhoramento que seria a água domiciliária. Como sabe, a água em Messines pagava-se à razão de cem mil réis o metro cúbico, e na altura em que a água foi inaugurada em Algoz, em Armação de Pêra e em S. Marcos, na passagem do ministro por Messines, disse-lhe da minha mágoa, pois, sendo Messines a única terra onde se pagava a água por tão alto preço, não tinha água domiciliária. E ainda que o Município não tivesse gostado da minha afirmação, ela resultou plenamente. Passados poucos dias, o ministro considerava Messines como terra prioritária para o abastecimento de água. Entretanto, tudo se conjugou no sentido da empreitada ser um facto, e neste meio tempo deu-se a substituição do presidente da Câmara. A seguir, o ministro sugeriu à Câmara que não se fizesse o abastecimento de água sem o saneamento. A Câmara concordou e foi autorizada a contrair um empréstimo na Caixa Geral de Depósitos, para o saneamento, porque das águas já estava arrumado. Tivemos uma reunião nos Serviços Municipalizados, em que o sr. presidente advogava a ideia de se tratar primeiramente da água e depois dos esgotos, e eu então, uma vez que o ministro já tinha participado, pedi para as obras serem simultâneas. Acontece que foram dadas de empreitada e executadas simultaneamente, na sua primeira fase, ficando na segunda fase a cobertura do barranco a aguardar o projecto que se encontra ainda em Lisboa. Tenho um documento passado pelo sr. eng. Burnay de Mendonça, autor do projecto, em

para uma adubação equilibrada das árvores de fruto

ADUBO COMPLEXO

GRANULADO



COMPANHIA UNIÃO FABRIL
DIVISÃO DE ADUBOS E PESTICIDAS



111 10% azoto - 10% anidr. fosf. - 10% potassa
222 15% azoto - 15% anidr. fosf. - 15% potassa
133 7% azoto - 21% anidr. fosf. - 21% potassa

PARA CADA SOLO UM EQUÍLBRIO

O problema da falta de caça no Algarve e no País agrava-se dia a dia

(Conclusão da 1.ª página)

das e programadas e tão ansiosamente eram aguardadas, nas quais não só o Governo como todos os intervenientes, puseram boa vontade e desejo de acertar, quando postas em prática não atingiam a finalidade desejada. Se a panorâmica da caça era má, ficou pior. Este triste quadro que se apresenta a todos os que, por qualquer razão, se encontram ligados aos problemas da caça, quer sejam caçadores, dirigentes ou simples consumidores.

Não vamos aqui assacar à nova Lei a responsabilidade total deste estado de coisas, pois isso representaria uma injustiça, quando tantos factores a ela estranhos contribuem para a situação presente. Contudo, quanto a nós, supomos que muita coisa está errada na nova legislação, que a prática demonstrou, ao longo destes cinco anos, não haver alcançado o fim em vista, aconselhando, portanto, a nova revisão e a expurgar a parte que não correspondeu.

Recriminações, críticas e questões à mesa do café nada adiantam. E preferível, sim, debater os maiores problemas no sentido construtivo e de espírito aberto, procurando colaborar com quem de direito, dando a nossa azeite a fim de se poder encontrar o caminho certo na sua resolução. Os 42 anos que tenho de caçador, aliados ao facto de viver paredes meias com a caça, e só por isso, julgo conferirem-me o direito de emitir algumas opiniões, embora de valor modesto, sobre alguns pontos que deveriam ser considerados na futura revisão da actual Lei da Caça. Reconhecemos que a matéria é vasta, complicada, e difícil de tratar; por isso nos limitamos a apontar os casos que nos parecem merecer a maior atenção dos responsáveis, emitindo, ao mesmo tempo, algumas sugestões com o mesmo sentido.

Sabendo-se que a nossa agricultura tem vindo, de ano para ano, a encurtar a sua área de cultura,

que me diz que no fim do ano transacto seria entregue à Câmara o respectivo projecto. Soube, no dia em que fui apresentar cumprimentos ao presidente da Câmara, que o sr. ministro das Obras Públicas lhe perguntara, em officio, pela situação da cobertura do barranco de Messines e que a Câmara teria de responder no prazo de sessenta dias. Não sei se já respondeu, e também não sei se o autor do projecto já o teria enviado ou não à Câmara.

— Quanto à estrada Lisboa-Algarve-Lisboa, que vem passar a Messines, e atendendo a que esta povoação possui fracas artérias de escoamento de trânsito, poderá dizer o que há sobre o assunto?

— É com muito prazer que o informo de que decorreu em minha casa uma reunião em que ao sr. eng.º director das Estradas do dis-

trito foi pedido que fizesse o estudo do resto da estrada entre S. Marcos e Santana da Serra. Foi no dia em que tivemos a honra de receber a visita do sr. Presidente da República, quando inaugurou o troço de Messines-S. Marcos da Serra e que o sr. brigadeiro Girão, então presidente da Junta Autónoma de Estradas, pediu ao sr. director das Estradas do Algarve que mandasse executar o projecto da estrada de S. Marcos.

«Há poucos dias soube que o alargamento da estrada de S. Marcos a Messines seria uma realidade e que a estrada sai nesta povoação. Os benefícios que antevêjo para Messines são significativos, pois atendendo a que temos uma boa situação geográfica, seremos com certeza dos grandes beneficiados por essa obra extraordinária que é a ligação do Algarve a Lisboa.

que hoje deve estar reduzida a 1/5 no que se refere a praganosos, e com o figo a «perder terreno» continuamente, pelo abandono a que vem sendo votado, fácil é de concluir que sobretudo a criação da perdiz, que encontrava aí a base da sua alimentação, não pode deixar de ressentir-se grandemente. Aliás, a mesma razão vem afastando, de ano para ano, as rolas do Algarve.

A demasiada protecção dada ao desenvolvimento dos animais inimigos da caça, de que é, em grande parte, culpada a actual Lei, proibindo totalmente os envenenamentos, ainda o meio mais eficaz e económico de regular o desenvolvimento destes animais, que já é, neste momento, apavorante, representa, quanto a nós, as principais causas da diminuição da caça no nosso meio, embora outras razões existam, infelizmente, que contribuem também para a sua extinção. Em nome e defesa do equilíbrio da Natureza, que não devemos nem esquecermos nem desprezar, estamos a contribuir comodamente e sem quase dar por isso, para a total extinção dessa grande riqueza que representa a caça no nosso País.

No que toca à fiscalização privativa, esta, que alguém apelidou de «guarda dos passarinhos», agora sem a valiosa ajuda da G. N. R., por razões de todos conhecidas, é pouco mais que simbólica. Os fracos vencimentos para serviço de tanto risco e responsabilidade, a redução das percentagens nas multas de 50% para 20%, a burocracia a que as multas dão origem quando aplicadas e outras razões que nos abstermos de referir, devem estar na base do quase nulo proveito com a sua acção. A permissão de caçar os 7 dias na semana, em flagrante discordância com a quase totalidade das Comissões Venatórias Concelhias e dos caçadores, é também responsável por este estado de coisas, permitindo assim a manutenção de um grande número de

indivíduos a viverem da caça que abatem, diariamente, alguns até propositadamente abandonando os seus empregos em França e na Alemanha para se dedicarem ao extermínio das poucas espécies que ainda restam no País.

No desejo de contribuirmos, embora modestamente, para a conservação das poucas espécies cinegéticas que ainda nos restam, usamos sugerir as medidas seguintes:

1.º — Conceder possibilidades financeiras, através do Fundo Especial da Caça e Pesca, a todas as Comissões Venatórias Concelhias que o requererem, para nos seus concelhos poderem efectuar sementeiros de praganosos e outros, nos locais mais carecidos, a fim de com estas se poder alimentar mais facilmente a caça nessas regiões, visto que a fome não convide à multiplicação das espécies.

2.º — Permissão para os guardas especiais da caça, com a colaboração das C. V. Concelhias, efectuar envenenamentos periódicos, sobretudo na véspera das criações dos animais nocivos (raposas e outros) nos concelhos onde abundam esses animais e não seja possível dar-lhes caça por outros processos, devido à configuração e orografia do terreno, como no caso do concelho de S. Brás de Alportel.

3.º — Limitar o direito de caçar, no período venatório, apenas a dois dias por semana, incluindo feriados.

4.º — Proibição de caçar perdizes em todo o País, incluindo as cotadas, na época de 1973/74.

5.º — Aumentar os efectivos dos guardas especiais de caça, aumentando o direito de receberem 50% nas multas aplicadas, mas tão somente naquelas que digam respeito à caça indígena (lebre, coelho, perdiz). Este direito deveria ser alargado a todas as entidades fiscalizadoras.

6.º — O Governo nomearia uma comissão à escala nacional, de que, entre outros, fizessem parte alguns verdadeiros caçadores (não confundir com teóricos de gabinete, ou pessoas munidas de documentos para caça) que percorreria o País de léis-a-lés, vendo e ouvindo, recolhendo as opiniões de todas as Comissões Venatórias e o que terão a dizer sobre o momento actual da caça. Compilados tão valiosos depoimentos de quem, como ninguém, está habilitado a dar opiniões sensatas sobre o assunto em causa, pelo contacto permanente que mantém com os diversos ramos ligados à caça, essa comissão nacional ficaria assim de posse de informações de maior valor, que muito iriam ajudar ao estudo e respectivas alterações que se impõem à Lei actual em vigor, a bem de todos, que o mesmo é dizer, a bem do País.

S. Brás de Alportel, 20/10/72

António Dias de Sousa Correia

Actualidades desportivas

FUTEBOL

Campeonatos Nacionais

I DIVISÃO

Arbitragem, para onde?

Caminham mal as coisas do futebol português. Verdade triste, mas autêntica, que importa seja encarada frontalmente por quem cumpre dirigir os destinos do desporto em Portugal. Alvalade e Braga foram a concretização de um mau estado de coisas. E o caso de Tomar, que a Imprensa assinalou com total isenção? A expulsão de Adilson não encontrou a mínima justificação, quer nos jornalistas, quer no público presente no estádio da cidade do Nabão. Um caso triste, verdadeiramente triste, que, como tantos outros, culminará com o castigo federativo. Desta forma, aos homens que superintendem nos rumos do futebol português cumprirá a indesejável missão de autenticar, dar cunho legal ao castigo de vítimas inocentes de certos árbitros.

O Farense continua sem ganhar extra-São Luís. Afinal, uma regra cuja única excepção, só a confirma. Nem o golo de Farias que colocou a equipa em vencedora, bastou para a obtenção de pontos. Amanhã, nova saída ante a Cuf, turma europeia e que não se deixará surpreender. Um terrível calendário este que coube à turma de Faro.

II DIVISÃO

Portimonense: a cedência de um ponto e a cedência do comando

Muito público ocorreu ao estádio da cidade barlaventina para assistir ao prelúdio entre dois dos mais cotados conjuntos da Divisão Secundária. O Marinense confirmou as suas condições de turma recheada de bons valores e com entrosamento. Registe-se a extraordinária actuação do guarda-manchas Manuel Joaquim, que foi um dos esteios do êxito da sua turma. O Portimonense, mercê do dispositivo tático, conseguiu domínio territorial, mas foi inoperante para os propósitos em jogo.

A turma algarvia acusa por certo a ausência de Ernesto e Dema (afastados por doença) e Peixoto e Carlos Alberto (no cumprimento do serviço militar). Este empate ora cedido, assim como que aconteceu ao Almada, determinou que o Oriental se isolasse no comando.

No Estádio Padinha não foi brilhante a actuação dos locais. A turma falta sentido global, a que talvez não seja estranho o não rendimento do meio campo. É o certo é que cá atrás a veterania de Reina e a operosidade de Fernando são baluartes a colmatar as brechas do meio campo.

A vitória premeia o esforço da equipa que mais a procurou.

Amanhã o Olhanense desloca-se a Marvila, para defrontar o guia, enquanto o Portimonense actua em Torres Novas. Deslocações difíceis, em especial da turma de Olhão.

Comentários por João Leal

III DIVISÃO

Empate assinalável de Esperança

No conjunto dos resultados feitos por equipas algarvias é de referir o nulo conseguido pelo onze lacobrigense na sua deslocação à Costa da Caparica, onze que ocupa a 2.ª posição na tabela classificativa. Normal a vitória do Lusitano cujo ataque é dos mais operantes da zona D. Aceita-se ainda a derrota pela marca mínima sofrida pelo Silves em Vendas Novas, outro tanto sucedendo com o Moncarapachense, que juntamente com o Lusitano são as únicas equipas que ainda não pontuaram.

Amanhã três encontros se disputam no Algarve: Moncarapachense-Vendas Novas, Silves-Lusitano de Évora e Esperança-Desportivo de Beja. Será que o onze de Moncarapachense vai pontuar pela vez primeira?

Por seu turno o Lusitano desloca-se a Paio Pires, de onde pode retornar com pontuação positiva.

RESULTADOS DOS JOGOS

I DIVISÃO

União de Tomar, 3 — Farense, 1

II DIVISÃO

Olhanense, 2 — Torres Novas, 1
Portimonense, 1 — Marinense, 1

III DIVISÃO

Vendas Novas, 1 — Silves, 0
Lusitano, 3 — Luso, 0
Caparica, 0 — Esperança, 0
Beja, 3 — Moncarapachense, 0

JOGOS PARA AMANHÃ

I DIVISÃO

Cuf-Farense

II DIVISÃO

Oriental-Olhanense
Torres Novas-Portimonense

III DIVISÃO

Moncarapachense-Vendas Novas
Silves-Lusitano de Évora
Esperança-Beja
Paio Pires-Lusitano

JUNIORES

Louletano-Farense
Olhanense-Lusitano
Esperança-Silves
Faro e Benfica-Portimonense

DISTRITAL DE JUVENIS

SOTAVENTO:
São Luís-Farense
Moncarapachense-Olhanense
Lusitano-Quarteirense

BARLAVENTO:
Lagos e Benfica-Esperança
Louletano-Imortal
Silves-Portimonense

JORNAL DO ALGARVE lê-se em todos os centros piscatórios de Continente e Ultramar.

Disputou-se IV Concurso Internacional de Pesca da Costa do Algarve

Organizado pelo Clube dos Amadores de Pesca de Faro, com o patrocínio da Comissão Regional de Turismo, disputou-se em Sagres o IV Concurso Internacional de Pesca do Algarve, que reuniu a presença de uma centena de concorrentes.

As classificações ficaram assim ordenadas: 1.º, Jacinto Manuel (CAP Faro), 17 420 pontos; 2.º, Vitor Manuel Correia Pinto (CAP Faro), 15 075; 3.º, Augusto José Pereira Rico (Imortal de Albufeira), 14 715; 4.º, José dos Santos Pereira (CAP Faro), 14 200; 5.º, Francisco Duarte Pacheco (Imortal de Albufeira), 12 790; 6.º, Horácio Virgílio Machado (Portimonense), 11 330; 7.º, António Joaquim Prudêncio (Portimonense), 10 030; 8.º, António Maria Duarte (Portimonense), 8 035; 9.º, José Ribeiro dos Reis (Portimonense), 7 660; 10.º, Acácio Monteiro Francisco (Lagos e Benfca), 7 320 pontos.

Por equipas: 1.ª, Clube dos Amadores de Pesca de Faro A, 29 270 pontos; 2.ª, Imortal de Albufeira, 27 505; 3.ª, Clube dos Amadores de Pesca de Faro B, 22 010; 4.ª, Portimonense, 21 380 pontos.

A entrega dos numerosos troféus em disputa fez-se na Junta Distrital, presidida pelo sr. Raul de Bivar Weinholz, presidente daquele organismo, ladeado pelo eng.º director da Junta Autónoma dos Portos do Sotavento do Algarve e por João Leal, encarregado dos Serviços de Propaganda e Promoção da Comissão Regional de Turismo.

BASQUETEBOLO

DIVISÃO DE HONRA POUCAS MELHORAS

Com a realização da 2.ª jornada, prosseguiu no passado sábado o Regional da Divisão de Honra. Disputaram-se dois encontros, aguardados com certa expectativa que não foi completamente desiludida. Um, foi o derby Farense-Olhanense, em que a supremacia do cinco de Olhão lhe conferiu um justo triunfo por 58-47. O jogo foi de nível médio. Apenas o Olhanense, a breves espaços, nos deu uma pequena ideia daquilo que está ao seu alcance — ainda que a próxima ida para o Ultramar de Alvaro, o seu mais influente jogador, lhe vá acarretar inúmeras dores de cabeça. No Farense, onde impera a juventude — mal trabalhada —, viveu-se demasiado da improvisação; lançamentos em condições deficientes, passes transviados e más recepções de bola foram uma constante em quase todo o encontro. De notar ainda a falta de discernimento tático. Sem quereremos ser pessimistas, parece-nos que o Farense vai ter grandes dificuldades na disputa do Nacional da 2.ª Divisão.

No outro encontro, Ginásio e Pescadores de Portimão ofereceram-nos jogo de certo modo emotivo, disputado com muito coração e de nível técnico regular. Ambas as equipas por fim, se revelaram muito permeáveis a defender — o que explica a marcação relativamente alta alcançada, 62-54, favorável ao Ginásio. Triunfo certo do cinco de Olhão. Este cinco lutou bem e apreciámos a sensível subida de rendimento relativamente ao encontro de 8 dias antes, frente ao Olhanense.

Dos Pescadores não gostámos, ainda que a equipa tivesse revelado apreciável nível técnico. Registe-se, no entanto, que a falta de algumas pedras-base lhe tirou, como é evidente, a habitual regularidade.

JUNIORES E JUVENIS COMEÇO POUCO PROMETEDOR

Iniciaram-se os Regionais de Juniores e Juvenis, sendo factos a registar: — O triunfo de Os Olhanenses, em Faro, ante a aguerrida e animosa equipa do Farense — onde há muito jeito e se sente já o dedo do experiente Vinhas. Resultado: Farense, 45 — Os Olhanenses, 58.

— A fraquíssima marcação registada no encontro Olhanense-Pescadores, onde de uma insuficiência da técnica de base revelada pelos dois cincos foi por demais evidente. Sem se cuidar atentamente na preparação das camadas jovens, para onde irá o nosso já de si pobre nível basquetbolístico? Medite-se no resultado ao intervalo neste encontro: Olhanense, 3 — Pescadores, 8; no final, 26-26, a premiar a equipa menos «péssima».

— Nos juvenis, no único encontro disputado, o Olhanense foi vencedor certo dos Pescadores pela marca de 45-23.

VALORIZAÇÃO DA ARBITRAGEM

Lemos num diário lisboeta que a Comissão Central de Árbitros promoveu, na segunda-feira, a 7.ª reunião com os seus filiados, no decorrer desta época, na tentativa de conseguir uma melhor uniformização de critérios. Louvável a iniciativa, pois possuindo já uma preparação e condições muito razoáveis, os árbitros lisboetas procuram valorizar-se constantemente. No basquetebol, como, aliás, em qualquer desporto todo tem de evoluir: jogadores, treinadores, e oficiais de jogo.

Uma pergunta nos apetece formular: Para quando, em terras aquém-Vascão, ao longo de todos estes anos, a 1.ª reunião com finalidade idêntica? Piquemo-nos pelas reticências e deixemos, com a pertinência de que se reveste, a interrogação à apreciação e despacho — que se deseja breve — de quem de direito.

Jogos para hoje: Divisão de Honra: às 21,30, Farense-Ginásio, no Pavilhão Gimnodesportivo de Faro; às 22, Pescadores-Olhanense, em Portimão.

COLABORADORES/AS PORTIMÃO

SE:

- Reside em Portimão ou arredores
- É activo, culto e bem relacionado
- Tem tempo disponível e deseja aumentar os seus proventos

a COMPANHIA EUROPEIA DE SEGUROS OFERECE-LHE:

- Preparação adequada
- Trabalho em regime livre
- Assistência e apoio constantes
- Bom esquema comissional

RESPOSTA DETALHADA AOS ESCRITÓRIOS DA COMPANHIA, EM PORTIMÃO, RUA DA HORTINHA-13-1.-C.

UMA EDITORA NOVA

1972, foi proclamada pela UNESCO o Ano Internacional do Livro, com a finalidade de ser feita uma promoção à escala mundial do hábito e gosto da leitura. Neste ano, significativamente, embora por acaso, surge em Portugal uma nova editora que se propõe colaborar na realização do objectivo proposto pela UNESCO. Para isso, a Plátano Editora tem já programadas algumas colecções que se espera venham a despertar interesse no público português, não só pelas matérias versadas como pela qualidade dos respectivos autores.

Embora sem descurar a difusão dos grandes escritores estrangeiros, pretende a Plátano dedicar particular atenção às criações de autores nacionais — não só consagrados como desconhecidos — única forma de contribuir eficazmente para a existência e desenvolvimento de uma autêntica e viva cultura portuguesa.

De acordo com o critério explanado, lançou a Plátano duas obras de autores portugueses: «Terra Trazida», de Manuel Ferreira, romancista e ensaísta de temas caboverdianos; e «Comente o seguinte texto», estreia no romance da jovem crítica literária Eduarda Dionísio. Com esta obra, iniciou-se a publicação da colecção «Poliedros» que reunirá obras de autores nacionais e estrangeiros.

Sau também o primeiro volume da Biblioteca da Educação Sexual, intitulado «Vida sexual pré-conjugal», da autoria do dr. Faolo Monteleone, colecção com que se pretende fornecer ao público um instrumento de conhecimento de indiscutível seriedade. A BES compreenderá um conjunto de 22 volumes constituindo segura e científica introdução aos mistérios da vida sexual.

Nova Filial Metalúrgica Duarte Ferreira no Porto

A fim de melhor apoiar o progresso agrícola e industrial do Norte do País, a Metalúrgica Duarte Ferreira, S. A. R. L. inaugurou uma nova filial no Porto — Gaia.

Uma filial onde o agricultor do Norte encontra facilmente a máquina que melhor se ajusta às suas necessidades, a orientação técnica experiente e amiga que melhor convém aos seus problemas.

Também os empreiteiros encontram aí uma vasta gama do melhor material de construção civil existente no mercado, nomeadamente dumpers Johnson, motores Petter, grupos Geradores das marcas Petter e Berliet, vibradores e acessórios diversos para construção e terraplanagem.

Agora, M. D. F., através da sua filial na Rua Visconde das Devesas, 215-219 — VILA NOVA DE GAIA, emparceira com o dinamismo do empresário do Norte. Com as suas máquinas. Com a sua assistência técnica, com a sua experiência.

Vende-se em Olhão

No Largo da Fábrica Velha n.º 16-18, o recheio completo de uma oficina mecânica ou em separado, tornos mecânicos, engenhos de furar, lima-dor, serrote mecânico, aparelho de soldar rotativo de 300 ampères marca Hôbar, forja mecânica com respectiva ferramenta, tornos de bancada, tarrachas de tubo e inglesas e vária ferramenta miúda.

Jogos para amanhã: Juvenis: às 19,30, Os Olhanenses-Olhanense, no campo de Os Olhanenses; às 20: Pescadores-Faro e Benfica, em Portimão; Juvenis: às 10,30, Os Olhanenses-Olhanense, no campo de Os Olhanenses; às 11, Pescadores-Faro e Benfica, em Portimão.

Humberto Gomes

Compra-se

Propriedade com grande área na região de Alcoutim ou Mértola.

Resposta a este jornal ao n.º 15 962.

Trespassa-se

Leitaria e Pastelaria Estrela d'Ouro, situada num dos melhores locais de Portimão.

Informa na Rua da Igreja, 37 — telefone 22546 — Portimão.

Alador de Redes

Vende-se barato, tipo Espanhol.

Trata Francisco Fernandes — Calçada do Rio, 2-3.º Esq. — Telefone 214748 — Algés — Lisboa.

EMISSOR (para as bandas de amador)

Potência 250 watts, VFO-Geloso-1-6146-1-913 modulada por 2-811. Anodico 1350 volts 550 miliamperes.

Um receptor Geloso G4/214 e ainda um conversor para os 144 megaciclos.

Vende pela melhor oferta. Base de licitação 3 000\$00, Prazo 15 dias. Entrega-se pela melhor oferta.

Resposta ao apartado 41 — Faro.

Pontes Eusébio

Médico especialista

Ouvidos, Nariz e Garganta Consultas diárias depois das 15 horas

Cons.: Rua de Santo António, n.º 68-1.º Dt.º

Telef. { Cons. 23133
Resid. 24253

Resid. — Av. de Olivença, n.º 97-5.º Esq.º

F A R O

Arrendam-se

Várias propriedades e um areeiro, no sítio das Areias de Pêra, junto da estrada nacional, arrendam-se em conjunto ou separadamente.

Dirigir a José Cândido Águas, em Alcantarilha.

Vende-se

Armazém com a área coberta de 231 m² e terreno, para construções, com cerca de 400 m², sítos em Olhão.

Resposta a este jornal ao n.º 15 940.

CHÁ DE HAMBURGO

LEGÍTIMO

Estimulante digestivo

BOA DISPOSIÇÃO PARA TODO O DIA

Benefícios nas perturbações das vias urinárias

A vende nas farmácias

Vende-se

Casas na estrada de Quêfes — Olhão — sítio de Rafael Guerra. Tratar com Irene da Cruz Rosa no mesmo local.

Tractorista PRECISA-SE

Carta a este jornal ao n.º 15 944.

Vende-se

NO CENTRO DE PORTIMÃO.

RESIDÊNCIA LUXUOSA. COM TRÊS PISOS.

CONSTRUÇÃO RECENTE. INFORMA NA:

RUA FRANÇA BORGES, 2-2.º DT.º — PORTIMÃO — TELEFONE N.º 23577.

JORNAL DO ALGARVE N.º 815 — 4-11-72

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Anúncio

2.ª PUBLICAÇÃO

Faz-se público que pelo Juízo de Direito desta comarca e única Secção de Processos, correm éditos de VINTE DIAS, contados da publicação

— segunda —, do presente anúncio, CITANDO OS CREDORES DESCONHECIDOS do executado JOSÉ AFONSO HENRIQUES, viúvo, comerciante, que residia nas Furnazinhas-Odeleite, desta comarca, para no prazo de DEZ DIAS, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na Execução Sumária N.º 78 — movida por PINTO DE MAGALHÃES (BANQUEIROS), LIMITADA, com sede no Porto, desde que gozem de garantia real sobre o bem penhorado: direito à meação do executado na herança de sua falecida mulher, Maria Joana.

Vila Real de Santo António, 18-10-1972.

O Escrivão de Direito,

a) João Luís Madalena Sanches

VERIFIQUEI:

O Juiz de Direito,

a) Luiz Flores Ribeiro



SURDOS

UM SÍMBOLO DE QUALIDADE DE FAMA MUNDIAL

MOURATO REIS

Especializado nos laboratórios SIEMENS da Alemanha

Faça um teste auditivo pelos processos mais modernos que existem.

Os nossos aparelhos são absolutamente isentos de ruídos!...

CONSULTE-NOS

NO DIA 8 DE NOVEMBRO

Em PORTIMÃO na Farmácia CARVALHO das 9 h. até às 12 h.

Em LOULÉ na Farmácia PINTO às 16 h.

NO DIA 9 DE NOVEMBRO

Em FARO na Farmácia ALMEIDA das 9 h. até às 13 h.

Em OLHÃO na Farmácia ROCHA às 15 h.

Os nossos aparelhos são rigorosamente adaptados a cada caso de surdez.

Escritórios e Laboratórios de Experiências em Lisboa:

Rua da ESCOLA POLITÉCNICA — Entrada pela Calçada Engenheiro Miguel Pais, 56-1.ª, Telef. 67 58 72 e 66 23 72.



Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Distrito de Faro Assembleia Geral Ordinária Convocatória

Nos termos da alínea a) do art.º 28.º dos Estatutos deste Sindicato, convoco a sua Assembleia Geral a reunir ordinariamente no dia 29 do próximo mês de Novembro, às 20,30 horas, na sede, Rua de Santo António, 49-1.º F., desta cidade, com a seguinte ordem de trabalhos:

Apreciar e votar o orçamento ordinário para o ano de 1973.

Faltando o número legal de sócios, a Assembleia funcionará uma hora depois com qualquer número.

Faro, 30 de Outubro de 1972.

O Presidente da Assembleia Geral

a) Amílcar Nepomuceno Aleixo Fazenda

TEMAS NUMISMÁTICOS

OS 50 CENTAVOS DE 1925

NO desejo de contribuir em bases sólidas para tudo quanto se possa «construir» no campo da numismática, para que se chegue a uma conclusão séria a favor do colecionamento de moedas, vou rabisando umas linhas, dedicadas aos que estão dentro da modalidade.

O campo é muito ingrato e vasto, e, na maioria dos casos, luta-se com grande dificuldade para obter elementos básicos de estudo. Na Província, então, o caso complica-se, porque não há meios de consulta para afirmações positivas, as quais, algumas vezes, caem pela base, por documentos que existem e não são do conhecimento geral.

As estatísticas fornecidas pela Casa da Moeda, enfermam dos defeitos da tal burocracia, que não pode ser contestada. Sobre este assunto escreve o eng. J. Ferraro Vaz: «Os registos têm apenas a finalidade de acerto de valores entrados e saídos, não é possível saber ao certo se foram ou não lavrados, nas datas correspondentes; o registo é feito sem curar de dividir o que sai com determinada data, mas sim o que sai entre determinadas datas de Junho de um ano a Junho do ano seguinte». De forma que estou dentro da razão: aparecem datas de moedas que não existem e outras que foram cunhadas, mas não relacionadas.

Esta grande barafunda, confundida e enleada, criando problemas cujas sequências estão bem patentes. Assim, temos como detector acentuado o caso dos 50 centavos de 1925. Na Legislação Monetária aparece o Decreto 8940, de 21 de Junho de 1923, que cria as moedas de 1 escudo e de 50 centavos; depois, em 1924, o Decreto 9719 de 23 de Maio, que manda cunhar moedas em bronze-alumínio de 1 escudo e também as de 50 centavos.

No relatório da Casa da Moeda, toma-se conhecimento dos seguintes números:

1 Escudo	50 Centavos
1924 . . . 2 709 000	810 000
1925 . . . 5 007 000	
1926 . . . 2 346 000	14 340 000

Ora, isto não está certo, porque não se conhece nenhuma moeda de 1 escudo de 1925, mas sim algumas de 50 centavos de 1925.

por José Tomás da Graça

A primeira moeda de 50 centavos de 1925, veio referida em Junho de 1955, em «A Permuta» cujo proprietário dizia: «Ainda não consegui elementos concretos sobre a moeda em questão, agradecendo quaisquer informações acerca deste numisma». E que na obra de J. Ferraro Vaz, «Catálogo das Moedas Portuguesas de 1640-1948», a moeda não estava descrita.

Consultando agora o Catálogo Geral da Casa da Moeda, o qual está bem organizado, com elementos válidos, verifiquei:

1.º — Não existem cunhos, matrizes ou punções do «1 escudo de 1925».

2.º — A vitrine 1 — número 96 — cinquenta centavos, 1925 — matriz anverso. República Portuguesa. A república sentada num trono com um ramo de oliveira numa das mãos e na outra uma lança; na base do trono uma palma e por baixo o ano 1925 — por fora 31/12/1924. Número 97 — 1925 — Punção anverso, igual ao número 96, por fora 21/1/1925.

Com todas estas anomalias, muitas vezes se fica com a impressão da existência ou não de certas datas, as quais têm de ser minuciosamente estudadas, para se chegar a uma conclusão.

Mais uma vez peço aos colecionadores, para terem muito cuida-

LIVROS

«SONETOS E OUTROS POEMAS» DE CÂNDIDO GUERREIRO

RESUMINDO as obras «Sonetos», «Baladas», «Eros», «Promontório Sacro», «Glicínias», «Em Forth», «Rainha Santa», «Auto das Rosas de Santa Maria», «As tuas mãos misericordiosas», «Sulamitis», «Avante e Santiago», «Uma Promessa» e «Últimos Sonetos», acaba de sair, em cuidada edição da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, o volume «Sonetos e outros poemas», com que se assinala o centenário do nascimento de Cândido Guerreiro, o «poeta de Alte», ocorrido no ano findo.

Preparado por sua filha, dr.ª Agar Guerreiro da Franca, que nele seguiu as instruções deixadas por seu pai, «Sonetos e outros poemas», com uma «Nota Preliminar» do dr. Mário Lyster Franco, contendo um retrato do autor, desenhado por Américo Marinho e uma atractiva capa de Luís Osório, constitui um belo repositório das obras de quem, figurando na galeria dos bons sonetistas portugueses, se afirma entre os mais expressivos valores da poesia na nossa Província.

O centenário do nascimento de Cândido Guerreiro ficará também assinalado pela cunhagem, a que se está procedendo, de uma medalha alusiva. — L. P.

do com as falsificações e datas adulteradas.

BRISAS do GUADIANA

Êxito do Grupo Cénico dos Bombeiros Voluntários de Vila Real de Santo António na representação de «A Promessa»

TEM o Grupo Cénico do Centro Cultural dos Bombeiros Voluntários de Vila Real de Santo António vindo a desenvolver acção digna de relevo, contando com vários espectáculos no seu activo desde que, há relativamente poucos meses, foi fundado.

Pelo grupo foi agora apresentada em três noites consecutivas, sendo a última a de domingo, no salão de festas do Lusitano Futebol Clube, a peça de Bernardo Santarém «A Promessa», com encenação de Dorilo Seruca, também autor do cenário e um dos principais intérpretes, no papel do velho e entreado lobo do mar Salvador, que desempenhou com a garra e a vontade que já lhe conhecíamos, criando mais um «tipo» de classe para a sua, já relativamente longa, galeria de personagens. Papel mais extenso e não menos difícil, teve sua irmã, Sara Luísa, que fez

uma «Maria do Mar» vibrante e humana, mostrando que na verdade possui apreciáveis dotes cénicos. Gastão Índio foi um «José, sacristão» um pouco desorientado, mas certo, no contraste da extraordinária calma da sua primeira intervenção e da grande violência denotada nas restantes. José Carneira, em «Labareda», não «ardeu» o suficiente, talvez pela pouca experiência nas idades cénicas; Luís Pires fez um «Jesus, jovem cego», à altura, com o sêdo da voz sempre um pouco arrastada e Elisabeth Marinheiro foi uma enérgica e característica «Rosa», com boa expressão e movimentação em cena. Rosário Caneiras e Dorcas Toledo fizeram duas «velhas» alcoviteiras, coscuvilheiras e agressivas, tendo a última tido maior a vontade num papel também mais extenso do que o da primeira. António Machado saiu-se bem na curta rábula do «argento», José Toledo foi a «sorrana» e Virgílio Lança, José Bartolomeu, José Mascarenhas, Manuel J. Modesto, José Matias e Vítor Salsinha, foram os «chomens» figurando em ligeiras intervenções.

De um modo geral a récita agradou evidenciando as reais possibilidades do grupo, e as vantagens de que este — e outros — usufruiriam se o pequeno palco do Lusitano pudesse ser ampliado e a minicortina que faz de pano de boca, fosse descida uns vinte centímetros, pelo menos.

Laura Ruas foi ponto; Carlos Corriente contra-regra, a caracterização esteve a cargo de Elisabeth Marinheiro; a luminotécnica de Virgílio Lança; a sonoplastia de José Carneira e A. Calé e a montagem de José Branquinho, Saniina Machado e Joaquim Silva.

FALTA DE LUZ AO SERÃO

Na penúltima quinta-feira, Vila Real de Santo António e arredores estiveram sem energia eléctrica, desde as proximidades das 21 às das 23 horas, o que escandalizou o «serão» não só a quem pretendia ir aos cinemas como a quem, nos cafés, se dispunha a apreciar os programas da TV portuguesa ou espanhola.

Regista-se, para os devidos efeitos.

S. P.

Concursos «O Algarve visto pelas Crianças» e de fotografias sobre o Algarve

A COMISSÃO Regional de Turismo, com o patrocínio da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, organiza de novo os concursos «O Algarve visto pelas Crianças» e de fotografias sobre a nossa Província que tanto êxito têm alcançado em anteriores edições e cujas normas já inserimos.

Os trabalhos serão aceites até 30 deste mês, podendo ser entregues pessoalmente ou pelo correio, dirigidos à Comissão Regional de Turismo do Algarve, Rua Engenheiro Duarte Pacheco, n.º 20, Faro.



O recente encontro do primeiro ministro japonês Tanaka com Mao Tsé-Tung, foi um encontro histórico, talvez tão importante como o de Nixon-Mao.

FUNCIONALISMO PÚBLICO

Passaram à situação de aposentados os srs. António Inácio e Luís Vieira, respectivamente cabo de cantoneiros e cantoneiro de 1.ª classe da Direcção de Estradas de Faro.

VARANDIM

Quinta-feira, 12 de Outubro

De repente, lembrei-me que hoje é o dia da feira. O dia da «Feira da Praia». O principal dia da grande feira anual da minha terra. A muitas centenas de quilómetros de distância (ou a milhões de quilómetros/saudade, coração?) e a tantos anos de real separação, não seria difícil esquecer. Nada difícil justificar um esquecimento dessa natureza.

Mas, não. A «Feira da Praia» criou raízes demasiado fortes e grandes em cada fronteiroiro para que seja possível esquecê-la. E como que uma «coisa» de família, um acontecimento que veio desde a meninice, cresceu com o nosso crescimento e radicou-se no homem da beira-rio, da beira-mar que, pela força das circunstâncias, foi arrancado ao seu meio e transplantado para um outro, árido e difícil, da estranja.

A «Feira da Praia» pode, até, ter-se modernizado, modificado o seu conjunto, adaptado à paisagem onde actualmente é instalada. E a lei natural da evolução. E somos, não haja a menor dúvida, pelo progresso, pela evolução das feiras, com das terras, como dos homens, sem falarmos no das ciências, das técnicas, etc. Mas o que ela jamais poderá alterar é o espírito da alegria natural de ir à feira, do encontro e do reencontro das gentes da beira-rio, da beira-mar, com as gentes da beira-serra! E a ida desses milhares e milhares de «jovens de todas as idades» que, passando

um ano inteiro recolhidos nos «contrafortes do mundo» algarvio, rente às tocas do secular atraso dos camponeses e outros viventes reitorcidos numa tradição que é avareza de amizades com o progresso, descem da beira-serra e da beira-rio Guadiana, desde Mértola, Pomerão, Alcoutim e numerosas outras minúsculas aldeias (de quantos corações agarrados à terra se compõem certas aldeias serrenhas do Algarve?) para estarem presentes nesse encontro anual da feira! Para, indo à «Feira da Praia», poder abraçar familiares, conversar com pessoas amigas, que as asperezas da vida, com as suas duras dificuldades económicas, só permitem ver e abraçar de ano a ano!

Pois é, amigos! Foi num repente que me veio à lembrança que hoje é o dia da feira. Da nossa feira. O dia principal da «Feira da Praia» — de tantas recordações, de tantas saudades.

Conheço os versos, mas não me lembro do poeta que os escreveu:

Que saudades, amigos, que saudades
dos velhos tempos que não vol-
[tam mais!

Sexta-feira, 13 de Outubro

É hoje o «dia dos espanhóis». Na «Feira da Praia», o dia 13 é como que reservado aos nossos vizinhos do outro lado do Guadiana — vizinhos que se olham de cada banda do largo rio, terras fronteiriças quase plantadas na fox do terceiro

VOZ DOS CAMPOS

Coordenado por António Gomes Firmino
(De Rádio Rural, programa da Emissora Nacional)

AS BOAS SEMENTES NA BASE DAS BOAS PRODUÇÕES

Na escolha das sementes a utilizar para sementeira, reside, em grande parte, o sucesso das culturas. Com efeito, mesmo que o agricultor disponha de terrenos de boa qualidade e proceda à sua cuidadosa preparação e fertilização, se as sementes que lançar à terra forem de variedades menos próprias, de baixa pureza e inferior germinação, não poderá obter altas produções nem produtos de qualidade que lhe permitam valorizá-los por preços compensadores.

CIRCUITOS DE COMERCIALIZAÇÃO DEFICIENTES

Uma das causas de desânimo do agricultor está na dificuldade de a lavoura não dispor de recursos que lhe permitam, na maior parte dos casos, colocar os seus produtos em condições remuneradoras.

É do conhecimento geral que a nossa agricultura ainda se acha dominada por um grande número de intermediários, que se instalam entre o produtor e o consumidor. A sua acção provoca o grave problema não só de dificultar a vida ao consumidor como de obrigar o produtor, especialmente o pequeno produtor, a entregar, por razões várias, os seus produtos por preços ruinosos que, na generalidade, não compensam os encargos da respectiva produção.

Portanto, a comercialização como a transformação dos produtos agrícolas, constitui ainda, um dos problemas que preocupa, tanto a lavoura como o Governo, e que se tem procurado solucionar por meio de organização adequada. E esta tem sido uma das finalidades das associações agrícolas.

É PRECISO SABER ESCOLHER

Se vai adquirir um tractor, escolha um de marca garantida e robusto, de forma a que lhe facilite a execução dos trabalhos mais difíceis. Quer se trate de médias ou grandes explorações agrícolas, um grande número de operações e práticas, como por exemplo lavouras, trabalhos de reboque, sementeiras, pulverizações, etc., só poderão tornar-se económicas e com resultados garantidos, se utilizar máquinas de eficiência comprovada.

UM COMPLEMENTO NA ALIMENTAÇÃO DAS AVES

Como as aves não têm dentes, a trituração dos alimentos faz-se na moela. Por isso, têm de ingerir pequenas pedras; o que, vulgarmente, se designa por «grit».

O «grit», portanto, deve ser posto à disposição das aves, utilizando, para o efeito, comedouros próprios e bem limpos.

OS 15 MILHÕES da SORTE GRANDE

foram vendidos a semana finda directamente ao público nos baldaes da

Casa da Sorte

de Lisboa (Praça da Figueira)
pelo empregado Francisco Gouveia

1.º PRÉMIO — 7422
15 000 CONTOS

...E TAMBÉM

HOTEL CIBRA

ESTORIL

FOI PINTADO COM TINTAS

EXCELSIOR

Distribuidor para todo o Algarve

«ESTANTARTE»
REPRESENTAÇÕES E COMÉRCIO, Lda.

Rua Abólem Assensio, 54
Tel. 24707 FARO



DOCES REGIONAIS DO ALGARVE:

O melhor sortido encontram V. Ex.ª na CASA AMÉLIA TAQUELIM GONÇALVES (CASA DOS DOCES REGIONAIS), Rua da Porta de Portugal, 27 — Telefone 6 28 82 — Lagos — Remessas para todo o País